

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

1925 - 8

7

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1925 – ANO: IV - Nº 8

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

ANNO IV

JULHO A DEZEMBRO DE 1925

NUMERO VIII

Publicação Semestral

SUMMARIO

As Erynnias—poema de Leconte de Lisle—traducção de Augusto Cavalcanti
Sessão de recepção em 21 de Março de 1925:
I—Elogio de Francisco Catharino, (discurso de pósse) pelo socio Isac Póvoas
II—Discurso de recepção—pelo socio Ovidio de Paula Corrêa
A laranjeira cuyabana - soneto—D. Aquino Corrêa
Estado de alma soneto—Franklin Cássiano
Ao Corvo—soneto—José Raul Vilá
O destino das pedras—Victor Hugo—Camões—sonetos—Allyrio de Figueiredo
Emquanto escurece—poesia—Oscarino Ramos
Sessão de recepção em 6 de de Junho de 1925:
I—Elogio de José Thomaz (discurso de pósse) pelo socio Antonio Cesario de F. Netto
II—Discurso de recepção—pelo socio Alcindo de Camargo
Trinta e tres annos—sonetos—José de Mesquita
Paginas contemporaneas:
A Republica—Antonio Fernandes de Souza
Paginas esquecidas:
Um anniversario—Francisco Mariani Wanderley
Paginas dos novos:
Sonetos—Orestes Miraglia
Bibliographia
Actas das sessões do "Centro"
Publicações recebidas

Revista do Centro Mato-grossense de Letras

ANNO IV JULHO A DEZEMBRO DE 1925 NUMERO VIII

Publicação Semestral

SUMMARIO

As Erynnias—poema de Leconte de Lisle—traducção de Augusto Cavalcanti

Sessão de recepção em 21 de Março de 1925 :

I—Elogio de Francisco Catharino, (discurso de pösse) pelo socio Isac Póvoas

II—Discurso de recepção—pelo socio Ovidio de Paula Corrêa

A laranjeira cuyabana—soneto—D. Aquino Corrêa

Estado de alma—soneto—Franklin Cassiano

Ao Corvo—soneto—José Raul Vilá

O destino das pedras—Victor Hugo—Camões—sonetos—Allyrio de Figueiredo

Emquanto escurece—poesia—Oscarino Ramos

Sessão de recepção em 6 de de Junho de 1925 :

I—Elogio de José Thomaz (discurso de pösse) pelo socio Antonio Cesario de F. Netto

II—Discurso de recepção—pelo socio Alcindo de Camargo

Trinta e tres annos—sonetos—José de Mesquita

Paginas contemporaneas :

A República—Antonio Fernandes de Souza

Paginas esquecidas :

Um anniversario—Francisco Mariani Wanderley

Paginas dos novos :

Sonêtos—Orestes Miraglia

Bibliographia

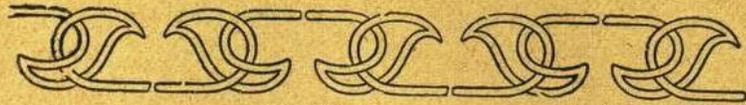
Actas das sessões do "Centro"

Publicações recebidas

AS ERYNNIAS

(Leconte de Lisle)

Ào exmo. sr. dr. Virgílio A. Corrêa Silho



AS ERYNNIAS

SEGUNDA PARTE

ORESTES

A' esquerda, o palacio de Pelops. A' direita, arvores e rochedos. Ao fundo da scena, um tumulo, e, além, a planicie de Argos.

As Khoephoras, trazendo os copos das libações e as corôas funebres, saem do palacio e se dispoem em dois meio-córos de cada lado do tumulo.

I

KALLIRHOE, ISMENA,

O coro das Khoephoras.

KALLIRHOE.

Sobre este mausoleo, caro aos povos Hellenos,

Ponha-se a c'roa triste ao pé dos copos plenos.
O extremo preito é doce ao que não vive mais.

Collocam os copos e as corôas.

Convem, segundo a regra e as normas rituaes,
Que Electra, tendo a fronte idealmente ornada,
Verta ao morto querido a libação sagrada,
E que o invoque do fundo Hades caliginoso.
Assim quer a Mulher de coração odioso.
Negras visões a tem, subito, visitado:
Falla-se que do Esposo o rosto ensanguentado
Toda noite apparece a seus olhos precitos,
E se ouvem muita vez mysteriosos gritos
E soluços de horror em sua residencia!

ISMENA.

Possa o Tartaro oivil-o! e ella perca a existencia!

KALLIRHOE.

Os remorsos, de certo, hoje lhe são molestos.
A maxilla do Fogo extingue-nos os restos;
Mas o espirito sae da poeira, inacessivel.

ISMENA.

Quando o crime enrubece a terra inexaurivel,
Que rio acaso, ou mar, lava a mancha, o labéo
Do sangue, sobre as mãos daquelle que o verteu?
Ella, certo, hoje treme, essa loba acuada,
De ver em fim surgir a vingança emboscada;
Os adivinhos já dizem, segundo ouvi,
Que o castigo não dorme e está perto d'aqui.
Elles conhecem bem os sonhos e os encantos.

KALLIRHOE.

Nós, a quem tiram tudo, Escravas, salvo os prantos,
Ja que a sorte do Rei dest'arte nos impelle,
Deixemos nosso mal, para gemer por elle.

ISMENA.

Qual! sobre a nobre presa, ainda quente agora,
A matilha cruel uiva e se entredevora!
Nossos templos, casaes, paes de annos carregados,

Mães, esposos, irmãos, de certo estão vingados;
Troia é morta! que a Grecia expire com a victoria!

KALLIRHOE.

Deixemos que se cumpra a Sorte expiatoria:
O odio dos corações, moças, não accrescente
O nosso regosijo á desgraça presente.
A bondade convem mesmo á escrava, mulher.

ISMENA.

Amamos a divina Electra que nos quer.
Innocente, como é, pelos nossos revezes,
Nos tem suavizado os ferros muitas vezes.
Eil-a. Um dia melhor brilhe na immensidade!

II

Os precedentes, ELECTRA.

ELECTRA.

Moças da habitação, gratas a minha idade,
Guiae-me o coração, agora consumido.
Sobre a cova onde assaz meus prantos teem corrido,
Onde sem gloria jaz aquelle a quem venero,
Que é preciso dizer-lhe ao Espirito austero?
Que a esposa é quem me envia? Ah! terrivel instante!
Ou é mister que, muda e desviando o semblante,
Por tres vezes vertendo a libação devida,
Attonita, me vá da funebre jazida?
Não me deixeis entregue ao mal que me quebranta.

KALLIRHOE.

Chega-te ao mausoleo, bem como a uma ara santa,
E roga, desparzindo as libações celestes,
A' Sombra de teu pae, por teu irmão, Orestes.

ISMENA.

Electra! que, bondosa, os corações dominas,
A' victima do odio e das alicantinas
Eleva as niveas mãos de virgem, num pedido,

Princesa, a fim de que tudo seja cumprido,
A justiça resplenda, e nos traga o destino,
O escolhido de Zeus, esse joven divino,
O descendente ideal de uma mãe inclemente.

KALLIRHOE.

Por todos a quem elle amara antigamente,
Roga, ó fidalga Electra, a teu pae venerado;
E os Deuses te hão de ouvir o appello contristado.

ELECTRA toma um copo e se approxima do tumulo.

Hermes! nuncio que em teus aligeros arrancos
Sóbes do prado em flor, dos asphódelos brancos,
A' estrada de oiro e azul dos principes da altura,
A ti, Hermes, primeiro o vinho sem mistura!

Entorna a libação.

Potentes Dæmons, Reis do antigo orbe, que, a par
Um do outro, vos sentaes na sombra secular,
Tu, Deus atroz, e tu, por quem nascem as flores,
O' Deusa! ouvi agora o grito ás minhas dôres:
Que no Hades, onde se acha, o Atrida neste ensejo
Ouça o filho que o ama e lhe attenda ao desejo!

Derrama a segunda libação.

Agora, tu, meu pae, da noite ininterrupta
Em que estaes, tudo observa e minha voz escuta!
Gemo opprimida, teu filho é escravo! de resto,
Tua casa passou ás mãos de um deshonesto,
Que tem teu leito, teu sceptro e alfaias tambem.
Veneravel, attende ás minhas preces! Vem,
Veim! A se gloriar de seu crime que enoja,
Essa que te matou nos odeia e despoja.
Cara Sombra! sê, pois, terrivel contra o par
Perverso, e venha logo o que ha de nos vingar!

*Derrama a terceira libação.— Orestes sae
do meio dos rochedos.*

III

Os precedentes, ORESTES.

ORESTES.

Os Deuses cumprirão teus votos, nobre filha!
E' menos negro o ceo, onde a alva agora brilha,
O vento menos rude e o mar mais compassivo.

ELECTRA.

Que nos quer o Extrangeiro?

ORESTES.

Orestes está vivo.

Elle vem, está alli.—Si o amas, sê tranquilla
E muda! Elle que não recua, nem vacilla,
Ha de vingar seu pae com sua irmã do crime.

ELECTRA.

O' palavra sagrada e de uma unção sublime!
Orestes está vivo?

ORESTES.

Elle vive. Eu o attesto.

ELECTRA.

Deuses, guardae-o bem desse casal funesto!
Pôrque é que dizes isto, Extrangeiro? O que te ouço
E' certo? Sinto o peito e a vista em alvoroço.
Não me enganas? seguiste-o acaso na desgraça?
Orestes! A esperança, a alma de sua raça!
Elle vive? Olhos meus de pranto consumidos
Que eu o reveja e morra em seus braços queridos!

ORESTES.

Cara Electra, sou eu! sou teu irmão! Teu seio

Não mais disto duvide ou trema de receio :
 Reconhece-me, sou teu irmão ! Zeus te assista !
 Crê no pranto que, alegre, assim me cae da vista,
 Na voz do coração. Sou teu sangue, o reclamo,
 O cuidado e a esperança em que estavas. Eu te amo !
 Principes, que páraes sobre o azulado manto,
 Dae testemunho ! E tu, sepultura, altar santo,
 Velha casa dos meus avós ! rochedos tristes,
 Arvores que na calma a sombra me servistes,
 Terra da patria, em fim, tres vezes santo abrigo,
 Fallae todos ! Mostrae que é verdade o que digo,
 Que Orestes está vivo e é este homem que ouvis !

ELECTRA.

E's tu, doce cabeça ! o coração m'o diz !
 O' sonho ideal da noite, ao dia aneio mudo,
 Que eu sem esperar mais, me acenavas comtudo !
 Sim, eu te reconheço, és todo meu prazer !
 Minha alma ao te avistar resurge, caro ser
 Que tanto pranteei ! Tua bocca não mente :
 Já não padeço mais. Tu serás juntamente
 Meu pae, que não existe, a irmã por Zeus trahida
 E esta mãe, aí de mim ! por quem sou perseguida.
 Vem, e, a me consolar desse transe cruel
 Por todos, meu irmão, sê-me sempre fiel !

ORESTES.

Nada quebrará mais nosso amor e os meus votos :
 Que o Hades me tragasse antes que os visse rôtos !

ELECTRA.

Mas do fundo do exilio, ouve, que Deus incrível,
 Que oraculo te impelle a esta estancia horrivel ?
 Não sabes ? E' aqui que um cobarde e violento
 Vive dos nossos bens e do nosso tormento,
 Da Esposa traiçoeira e de um povo oprimido !
 Olha, Egistho está lá ! — O' meu irmão querido,
 Sabes o desdobrar dos Destinos insanos,
 A morte de teu pae depois desses dez annos,
 E a mulher sanguinaria e seu amante odiento ?

ORESTES.

Eu vivi sob o opprobrio e sob o aviltamento,
 Curvando o collo livre ao jugo vil de um dono ;
 Mas mil recordações me povoando o abandono
 De imagens : um senhor de altivo olhar, sereno

E grande como um Deus ; depois, um povo pleno
 De famulos joviaes, querendo me agradar ;
 Mulheres, um altar, a casa secular,
 E os jogos infantis, e a aurora e a noite guapa ;
 Depois, na sombra, um carro eis me toma, á socapa,
 E foge ; e a injuria, e o golpe, e o farrapo servil,
 A agua da chuva após um alimento vil ;
 E sempre na minha alma este sonho vehemente,
 De que de um sangue livre eu era descendente !
 Cresci, vim a saber dos feitos memoraveis :
 Troia entregue, uma noite, ás chammas implacaveis,
 O regresso, o assassinio horrivel que se dera,
 E o nome de meu pae, e de quem eu nascera !
 Oh ! que ardente prazer me percorreu as veias !
 Como affrontei o jugo e quebrei as cadeias,
 E em gritos de embriaguez, que echoavam nos espaços,
 Para esta Argos em fim precipitei meus passos !

ELECTRA.

Filho do extincto heroe, tua mãe (toma tento !)
 Contra a prole, ai de nós ! nutre um odio cruento.
 Mão grado meu elamor, gritos, prece sentida,
 Si te reconhecer has de tombar sem vida !

ORESTES.

Tranquilliza-te. O Deus que esta causa perfilha
 Saberá cegar bem as duas feras, filha.
 A elle, com destreza o envolverei no liame
 Da astucia, pois que é tão desconfiado e infame ;
 E si me apoiar Zeus, em justiça fecundo,
 O matarei tal qual si fôra um porco immundo !
 Em quanto a minha mãe, é com os Deuses que conto.
 Ja que a hora é chegada é preciso ser prompto ;
 Ardo em sêde de sangue e nada ha que me impeça.
 Moças, que uma de vós busque a Rainha, á pressa,
 E diga : « Um viajor, cujo nome se ignora,
 « Acaba de chegar a Argos, minha Senhora.
 « Elle annuncia—assim deve mentir, de feito—
 Que Orestes jaz p'ra sempre em seu funebre leito.»
 Eila ha de vir alegre.

A Electra.

Emtanto, inconsolavel,
 Minha irmã, geme e accusa o destino implacavel ;
 Sobre o pae, sobre o filho e a raça, se lamenta
 Toda tua alma, Electra, em uma queixa ardente ;

Carpe-te, minha irmã! mãos erguidas aos Ceos,
Chora-me a morte em fim, deixando agir o Deus.

*Uma das mulheres entra no palacio. Orestes
toma um copo e se aproxima do tumulo.*

Pae, pae! ouve-me ahi na argilla ora banhada
De lagrimas. Não foi pela lança ou a espada
Que morreste, na lucta, entre homens, ó guerreiro!
Como assenta, a fronte alta, e o coração inteiro.
Uma fogueira ideal de robles formidaveis
Não te queimou a carne e os ossos veneraveis;
Tuas cinzas de heroe, ao grão rumor do mar,
Não dormem na collina immensa e negra, no ar.
Não! Como um boi inerte e preso pelos cornos,
O focinho a sangrar, rolando os olhos mornos,
O Porta-sceptro foi vilmente degolado!
Pae, consola-te: vaes em breve ser vingado!

Derrama a libação.

KALLIRHOE.

A clemencia semelha a neve da montanha:
Immortalmente pura, em sua alvura extranha,
Brilha na alma do sabio, a quem elege; mas
Desde que o sangue a toca, elle não se desfaz:
A nodoa cresce, roe, escava, inextinguivel,
E a neve se transforma em uma lama horrivel.
Deixa aos Deuss a pena, ó joven irritado!

ISMENA.

Não, o futuro tem seu germen no passado;
Manda uma lei que quando a raça se perverte
Um novo sangue pague o sangue que se verte;
O causador do mal jamais delle se exime,
E cada falta engendra um mais sombrio crime.
A clemencia que val para a justiça augusta?
Vinga, amigo, teu pae! que tua causa é justa.

ELECTRA.

Um vago terror faz tremerem meus joelhos!
Do tumulo, meu pae, nos guiem teus conselhos!

ORESTES.

A balança fatal os pesou; e por ella
O que ha de succeder, succederá.

Klytemnestra apparece sob o portico. Orestes a percebe.

Cautela!

Vejo alguém. Dize, Electra, a mulher de alto porte,
Que sae da casa, branca e semelhante á Morte,
Quem é? Como se chama? Anda, responde prestes,
Tremeu-me o coração.

ELECTRA.

E' tua mãe, Orestes!

IV

Os precedentes, KLYTEMNESTRA.

KLYTEMNESTRA, *a Electra.*

E' este o homem?

ELECTRA.

Sim.

KLYTEMNESTRA.

Este olhar (não vacillo)
Vi-o em sonhos! Não tem o parecer tranquillo
Este homem. E' qualquer mendigo sob a affronta
Ou o temor.—Extrangeiro, aproxima-te e conta:
De facto, és portador da nova de um traspasse?
Sou Klytemnestra. Falla! ouvir-te-ei face a face.

ORESTES.

Nobre mulher, é duro e até pouco acertado
Transmittir bruscamente um funebre recado,
E é corresponder mal á acolhida fagueira
Fallar de morte, sobre os degrãos da soleira.
Mas penso que, si a nova é má, seu interesse
E' grande, para que se não a conhecesse.

KLYTEMNESTRA.

Tu pensas bem. Reanima o espirito abatido :
 Por um outro, depois, tudo fôra sabido.
 Por isso não nos é menos grata a hospedagem.

ORESTES.

Na Phocida, eu subia a montanha selvagem,
 Não longe de Daulis. Ao vir a tarde lenta,
 Junto a mim, sobre a estrada, eis que um homem se assenta,
 Velho, e curvado já sobre um bastão de bordo.
 E elle disse-me : « Um Deus comigo está de accôrdo,
 « Amigo, pois tu vaes a Argos. Ouve, eu me chamo
 « Strophios de Daulis. Este nome reclamo
 « Que o guardes, para que te creiam com certeza ;
 « O que, ás cegas, confia, é muitas vezes presa
 « Do engano, e não lhe val o tardio cuidado.
 « Vae, pois. Dize a seus paes que Orestes é finado,
 « Que uma urna contem suas cinzas ; procura
 « Saber de sua mãe, a amada creatura,
 « Si é preciso que a entregue, ou que a guarde de todo.
 « Segundo ella ordenar, farei do melhor modo. »
 Rainha, assim fallara o velho. Quanto ao resto,
 Eu o ignoro. Porem amanhã cedo, presto
 Voltarei a Daulis. E que direi, então ?
 Queres que elle te entregue a urna com as cinzas ?

KLYTEMNESTRA.

Tu dirás que elle a guarde e a dê á sepultura. Não.

ELECTRA.

O' raça miseranda e votada á tortura ?
 Meu irmão, meu conforto extremo ! Não resisto.

KLYTEMNESTRA.

O choro, este clamor, de que serve tudo isto ?
 O morto não desperta.

ELECTRA.

O' querida entidade !
 O Olympo subverteu na mesma tempestade
 O pae cheio de gloria e o filho affeito ao pranto.
 Não vives mais, irmão !

KLYTEMNESTRA.

Basta de os chorar tanto!
Receia antes gemer por ti mesma, demente!

ELECTRA.

Sombria execração, contra nós inclemente,
E' o teu golpe final?

KLYTEMNESTRA.

Não, si continuares.

ELECTRA.

Vivo ou morto, p'ra sempre expulso de teus lares,
Meu irmão, dormirás em remota paragem:
Não terás de meu pranto a ultima homenagem!

KLYTEMNESTRA.

Nas ordens que te dei debes bem meditar.
Serás prudente assim.—Vem comigo ao solar,
Estrangeiro. Convem, segundo a natureza
Do aviso, que o Senhor o saiba com presteza.

A Electra e ás Khoephoras.

Por ti, por vós tambem, moças, na cova algente
Tombe o vinho feral, abrandae novamente
Com o canto consagrado a Sombra ainda odienta,
E ás minhas noites volte o somno que se ausenta!

Entra no palacio, seguida de Orestes.

V

ELECTRA, KALLIRHOE, ISMENA,

O cêro das Khoephoras.

KALLIRHOE.

Não reconheceu, pois, seu filho desterrado!

ISMENA.

Um Deus o ama, de certo, e o tem a seu cuidado.
 E, após noites sem conto, é muito suave, em summa,
 Não se ouvir nada mais de invisível na bruma,
 Atraz de si, e então ver sem medo ao perigo
 Crescer a aurora e pôr-se o sol. Eu vò-lo digo:
 Ella crê que elle é morto e a cilada é infallível.

ELECTRA.

Ai! sempre a expectativa, a angustia, o odio terrível!
 Depois da noite anciosa um mão dia se apresta,
 E até a tumba, sempre a vereda funesta!
 Que temos feito, ó Zeus, para esta adversidade?
 Que falta commetti desde a mais tenra idade?
 Quanto a meu caro irmão, que feito é que o deprime?
 Erraram nossos paes; nós, não; si o alheio crime
 Faz que soffra o innocente e que tombe na liça,
 Onde está teu poder, ó Zeus, tua justiça?

KALLIRHOE.

Filha de Agamemnon, que dest'arte te exaltas,
 Na santa Ilion tambem quaes fôram nossas faltas,
 Quando, sobre a maré pelos remos batida,
 A Helena fatal fugiu com o Priamida!
 E, comtudo, ai! o filho, a mãe, o pae, o avô,
 Todo um povo pagou pelo crime de um só!

ELECTRA.

Sim, moças, grandes são as vossas desventuras.

ISMENA.

Zeus, ouve-nos o voto e estas lagrimas puras:
 Neste humbral para nós hospitaleiro d'antes
 Proteja teu escudo a estes dois infantes.

ELECTRA.

Ah! pois que na Justiça augusta elle descança,
 Entregae ao herdeiro a sua antiga herança,
 Caros Deuses!

KALLIRHOE.

E' morto o Rei, por nós amado.
Deuses! guardae seu filho.

ELECTRA.

Extranho, desarmado,
Está só contra os mais!

ISMENA.

Não! neste atroz covil
Acompanha-o do pae o Espectro senhoril!

ELETRA.

O' Rei dos homens, sê, grande Sombra! presente.
Precede no combate o joven combatente;
Mora em seu coração, lhe enrija a mão de atleta,
Pae! sem que deixes nunca a vingança incompleta
Poupar o roubador do reino e deste tecto,
Indigno de que Zeus o extinga, por abjecto!

KALLIRHOE.

E tua mãe?

ELECTRA.

Ai! tu que dizes a respeito?

ISMENA.

Que o Hades, certamente, é um guarda perfeito!

*Ouvem-se gritos no palacio. Um servo
atravessa a scena correndo.*

VI

Os precedentes, O SERVIDOR.

O SERVIDOR

Ao crime! o Rei foi morto! Acudi! Sorte avessa!

Guardae logo a Rainha e cerraes tudo, á pressa!
 Ai de nós! quanto áquelle a esperança é perdida...
 Egistho é morto! Ao crime! accorrei em seguida!

Sae á direita.

VII

ELECTRA, KALLIRHOE, ISMENA,
 O coro das Khoephoras.

KALLIRHOE.

Teu irmão varonil matou o homem.

ISMENA.

Que o joven heroe fira e não poupe ninguem!
 Fez bem!

ELECTRA.

Zeus, salva meu irmão nesta lucta sombria!
 Morro, si elle morrer.

KALLIRHOE.

Sê tu mesmo o seu guia,
 O' Zeus!

ISMENA.

Na senda atroz que elle chegue ao remate,
 Tudo extinga! ou é morto em meio do combate.

Ouvem-se novos gritos.

ELECTRA.

Deuses! cresce o rumor.

KALLIRHOE.

O grito, a queixa estuante

Sôam lugubres.

ISMENA.

Ah! neste momento a amante
Com soluços crueis chora o amante.

*Klytemnestra, pallida e agitada, apparece sob o
portico.*

ELECTRA.

O' pesar!

Minha mãe!

KALLIRHOE.

O pavôr, vêde, lhe espanta o olhar.

ISMENA.

E' que ella sente vir a extrema hora e vacilla,
E o horror do traspasse accende-lhe a pupilla!

Electra e as Khoephoris fogem.

VIII

KLYTEMNESTRA.

KLYTEMNESTRA. — *Caminha, allucinada, cá e lá.*

Certo, fugi! Quem é o lapuz matador
De Reis? Não sei. A face escorre-me em suor.
A audacia que elle teve é caso nunca visto!
Entro, elle me acompanha, eu lhe digo: «Eis Egistho,
Rei de Argos.» Vendo-o, então, de pé, com humildade,
A' soleira, o Senhor o acolhe com bondade:
«Extrangeiro, entra em paz. Seja-té um Deus propicio!
«Pois me transpões o humbral sob um feliz auspicio.»
O homem se achega e narra o traspasse de Orestes.
Adianta-se ao fallar, depois, num salto, prestes
Crava um longo punhal na gorja do Senhor!

Grito. Um criado vem, mas logo num clamor
Desapparece... E enquanto o homem, febricitante,
Repete o golpe, eu fujo, as mãos sobre o semblante!
O que me fez fugir, e me calou e abate?

Volta ao portico gritando.

Homens, guardas, a mim! Que se prenda e se mate
O Extrangeiro! Oh! desgraça! Ao crime! vinde aqui!
Matai o vagabundo horrível!

Orestes sae do portico com a faca em punho.

IX

KLYTEMNESTRA, *Orestes.*

ORESTES.

Pára ahi!
Nem mais um grito, um sôpro! Ah! mulher, eu te mando!
E' chegada a hora em fim de te fallar.

KLYTEMNESTRA.

Nefando
Ente, que queres? Não te conheço, traidor.
O que foi que te fiz?

ORESTES.

Não cerres com furor
O punho, antes a bocca. A fim, mulher, de ouvires
Escuta bem. Eu vou dizer-te, pois me inquires
Quem sou! Não o sabes tu, nem presentes tambem,
E é o teu coração sempre de ferro? Bem.
Sou teu filho.

CLYTEMNESTRA.

Elle é morto. Ah! por indigno meio
Tentas escarnecer.

ORESTES.

Tu me trouxeste ao seio.

Tal qual é, como tu com os Deuses o formaste,
 Reconhece teu filho, o ente que amamentaste,
 Que em teu collo dormiu e: «Minha mãe!» te disse.
 O' dias e illusões da alegre meninice!
 Chamavas, a sorrir, pelo meu nome, então!

KLYTEMNESTRA.

Será verdade, ó Zeus!

ORESTES.

Não te achegues, senão
 Te matarei sem mais um momento possível.
 Ouve teu filho, mãe terna e irreprehensível!
 Sem respeito aos heroes de quem descendo altivo,
 Tu me roubaste tudó, o nome, o povo Argivo,
 Os bens, a liberdade em fim que nos inflamma!
 Para cumprires bem o abominavel trama
 Tu me vendeste; fui, longe do berço real,
 Como um porco, ó furor! posto num lodaçal!
 Verguei sob o castigo e suei sob a injuria,
 Perturbei o ar do ceo com meus gritos de furia,
 Maldisse a luz, a sombra e a surda Divindade,
 Sou centenario, tendo ainda tão pouca idade!
 Mas isto nada val; meu soffrimento, a affronta,
 Teu odio e as privações, das quaes ignoro a conta
 E' este teu coração dest' arte endurecido,
 Eu tudo te perdôo e quero pôr no olvido.
 Tu me és sagrada quanto a esta minha pendencia;
 Porem um crime atroz te pesa na existencia!
 Por isto has de morrer. Os tempos são fataes.

KLYTEMNESTRA;

Não se mata uma mãe!

ORESTES.

Tu, certo, não és mais
 Minha mãe. E' um Espectro agora acceso em ira
 Que te accusa e te julga. O teu nome é a mentira,
 A traição, o assassinio, o adulterio. E' preciso
 Que tu morras. De cima um Deus me dá o aviso,
 E sinto que meu pae, do Hades, onde descança,
 Me fita fixamente, ao tardar a vingança.
 Falla, porem, primeiro, antes de tua morte,
 Ao que morreu no banho, acalma teu consorte;

Pois, no Styge, elle, ao pé da vaga tenebrosa,
Espreita sem cessar sua odiosa esposa!

KLYTEMNESTRA.

Respeita, filho, o seio em que foste nutrido!

ORESTES.

Não falles a teu filho, antes a teu marido!
Vou punir-te, mas elle assim manda que eu faça.

KLYTEMNESTRA.

E' a Erynnia, meu filho, infensa á tua raça,
E' ella, esse Doemon indizível, sem freio,
Por quem teu pae foi morto; ella turbou-me o seio,
Ai de mim! que lhe foi tanto tempo constante,
E me precipitou sobre os braços do amante!
Eu, não, foi ella! Filho, o que é que tenho ganho
Com a morte? Noite e dia o meu mal é tamanho!
Muros, faliae da minha insomnia, sem repouso!
Tu, phantasma do extinto heroe, sombra do Esposo,
Sempre ante meu olhar, já fundo de canção,
Que o digas!—O' meu filho, os joelhos te abraço!
Não derrames meu sangue!

ORESTES.

Acabaste?

KLYTEMNESTRA.

Sentido!

Toma cuidado em ti, não me ouvindo o pedido.
Teme escutar a voz do rebanho offegante
Dos Espectros do Averno! O' meu filho, um instante!
Não! não has de querer que eu seja justificada!
Oh! quero envelhecer nesta antiga morada!

ORESTES.

Tu viveres aqui! Que diriam de nós
Deuses e homens, a casa, os filhos e os avós?
Morrerás, que se cumpra o que se acha previsto.
Vem! eu te deitarei junto ao leito de Egistho,
Que alli jaz como um cão, em sangue, e é teu correo.
Hoje, como amanhã, seu leito seja o teu.

Ja que o adoravas, busca hoje aquellô dos seres
 Que te reclama, a fim de em seus braços morreres!
 Apressa-te, mulher! antes que de uma vez
 Te arraste pela coma ou tire pelos pés!

KLYTEMNESTRA.

O' Deuses! minha filha, Electra! Eu peço graça,
 Meu filho!

ORESTES.

Hoje sou cego e surdo.

KLYTEMNESTRA.

O' monstro! ó raça
 Horrivel! Vejo bem que nada, tarde ou cedo,
 Te move o coração duro como um rochedo.
 Minhas supplicas, pois, fôra inutil fazel-as...
 Desgraçado! eu te voto ás Erynnias, Cadellas
 De tua mãe! ao mal de beberes, constante,
 Pelas noites de horror, meu sangue fumegante,
 A em todo lugar, sem treuga, da alva á tarde,
 Me ouvires o estertor, e, aßim como um cobarde,
 Fugires infeliz, inhumano, maldicto.
 Pára! espera um momento e tudo estará dicto.
 Fica sabendo, em fim. Que te espante este factô
 E te augmente o furor... Monstro! eu disto me jacto:
 Era-me caro o heroe que alli perto repousa!
 Matei o Atrida, sim, cortei-lhe a carne odiosa
 Em pedaços! E agora unicamente sinto
 Ter escapado o filho, ao ser o pae extincto!

ORESTES *se lança sobre ella e a mata.*

Toma! Morre! Termina estes transportes de ira!

Klytemnestra *recua, cambaleando.*

Tu me mataste... Ah!

Cae.—Reerguendo-se a meio:

Sê maldicto!

Cae morta.

ORESTES.

Vae! expira!
Tu profanavas o ar, a todo homem sagrado.

X

ORESTES, O Cadaver de Klytemnestra,

Electra.

ELECTRA.

Meu irmão, que fizeste? Horror! és mais culpado
Que ella... Era tua mãe!

ORESTES.

Choras esta mulher?

Grandes Deuses! que ouvi?

ELECTRA.

Ai! infeliz de ti,
Que me és caro e atroz! Por que Deus te foi dada
Esta cabeça extranha, horrivel e sagrada?
O' inexpiavel morte! ó luctuosa crueza!
Não perdoares, irmão! Que desgraça nos pesa!
Ella era tua mãe!

Electra cobre a cabeça e foge.

XI

ORESTES, O Cadaver de Klytemnestra,

depois As Erynnias.

ORESTES.

Pois bem! isto que importa?
Eu redimi meu sangue e eis a vibora morta.
A sua mordedura era nociva a tudo.

Matou o homem, vendeu-lhe o filho... Eil-a, contudo,
Tranquilla, e para sempre agora, é minha crença.
Da justiça do Olympo espero a recompensa!

Olha o cadaver.

Como é grande! Parece cuvir-me... Não, de facto,
Feri seu coração. Certo, foi bom meu acto.
Fiz justiça. E' mister expiar todo o delicto.
Ufanos, sobre o solio, em seu poder maldicto,
As mãos quentes do crime, elles diziam crentes:
« Nós temos tudo, o throno e o sceptro refulgentes,
« E o velho lar do rei Pelops, o antigo rei,
« Somos reis do paiz e os pastores da grei;
« Commandemos, tendo a alma em paz, no amor absortos.»
Mas eu chego, castigo e os tyrannos são mortos!
De tudo agora mesmo apagarei o rasto:
Uma á pyra feral, o outro aos cães, em repasto.
Que o povo accorra á praça! e amanhã bem depressa
A c'rôa paternal erguerei na cabeça;
Entre os Chefes viris estarei, quasi igual
Aos Deuses; com o rumor do mar sobre o areal,
A Grecia, me acclamando, ha de dizer: «Seu feito
« Foi bom. Vingou seu pae e reergueu seu direito!»

Olha o cadaver.

Porque é que teu olhar ainda mostra a pupilla,
Morta? Que queres? Meu coração é de argilla:
Nada receio, fiz como convinha. Basta!
Vae! não fites em mim tua vista nefasta!
Hei de envolver-te a ti, meus desgostos e o resto
No olvido, como cabe ao recordar funesto.
Porque observas assim meus passos e ademanes?
Não me encares, mulher, olha a estancia dos manes!

Põe-lhe sobre a face uma aba do peplum.—

Estendendo os braços para o tumulo.

E tu que hão posto ahí sob a cova modesta,
Meu pae! sobe atravez da immensa noite mesta,
Surge a teu filho que te vinga hoje o traspasse!
Attende-o, cara Sombra! ouve-o e lhe diz de face
Que ante os Deuses do ceo, como do abysmo abjecto,
Para todos seu acto é legitimo e recto!

Duas Erynnias se erguem de cada lado do tumulo.

Ah! que é isto? De que logar veem estes seres?
Fallae: que é que fazeis aqui, velhas mulheres?

Tres Erynnias apparecem ao redor do cadaver.

Pelos Deuses! Ainda! o medonho cariz
P'ra que nos morda, vêde, alça seus labios vis.
Ah! Monstros, vós rangeis os dentes atrozmente!
Para traz!

As Erynnias apparecem de todos os lados.

E', de certo, um formigueiro ingente
De espectros! e eu sou como a presa sob a ameaça!
O pavor me constringe a gorja e a despedaça!
Não, isto não é sonho, estou aqui, de pé,
Desperto! Desgraçado! é isto, sei o que é:
São Ellas; certo, são as Cadellas furiosas
De minha mãe! Porque é que ficaes silenciosas?
A quem vós me mostraes com o vosso dedo fero,
O' Lôbas do Hades? Vinde! eu aqui vos espero.
Vós não vos enganaes. Sou eu! tirei-lhe a vida!
Vêde este sangue. A terra eil-a ainda humedecida.
Elle me inunda os pés, me queima as mãos. Porem,
Como! vós o sabeis, ó Monstros, muito bem,
Ella matou meu paé! Fiz justiça serena:
Eil-a morta. Que, pois, a devore a Géhenna,
Com sua traição, seu odio e seu furor!
Ah! Ah! vós vos calaes, Monstros!

As Erynnias se lançam todas sobre elle.

Horror!

Elle foge. Outras Erynnias lhe impedem o caminho.

Horror!

Augusto Cavalcanti

NOTAS

Pag. 8

Hermes! nuncio que em teus aligeros arrancos...

Hermes, nome que os Gregos davam a Mercurio, deus da eloquencia, do commercio e mensageiro dos deuses, principalmente de Jupiter que lhe dera azas á gorra e aos calcanhaes para com mais presteza executar as suas ordens.

Pag. 8

Que no Hades, onde se acha, o Atrida neste ensejo
Ouça o filho que o ama e lhe attenda ao desejo!

O Atrida é Agamemnon, pae de Orestes. Elle e seu irmão Meneláo eram designados pelos poetas sob o nome de Atridas, por terem sido educados por seu tio Atreu.

Pag. 16

Quando, sobre a maré pelos remos batida
A Helena fatal fugiu com o Priamida.

Priamida refere-se a Páris, filho de Priamo e raptor de Helena, mulher de Meneláo, rei de Sparta, causa da guerra de Troia.

Pag. 22

Pois, no Styge, elle, ao pé da vaga tenebrosa...

Rio infernal, proveniente de uma fonte da Arcadia.



SESSÃO SOLEMNE DE POSSE E RECEPÇÃO EM 21 DE MARÇO DE 1925

I

ELOGIO DE FRANCISCO CATHARINO

Discurso de posse pelo socio

Isac Póvoas

Exmo. Snr. Representante do Presidente do Estado

Exmos. Snrs. Depositarios do Poder Publico

*Exmos. Snrs. Presidente e mais Membros do
Centro Mattogrossense de Lettras*

Exmas. Senhoras

Meus Senhores



NUNCA experimentei tamanha emoção nem tão grande constrangimento como o constrangimento e emoção que me dominam nest' hora, ao dirigir-vos a palavra, no character que me investiram--de recipiendario no Centro Mattogrossense de Lettras.

E esta emoção é concebivel, e este constrangimento é plenamente justificado para mim.

Afastado das lides litterarias, da vida tranquilla e serena das locubrações e do pensamento; com o tempo adstricto, apenas, para entregar-me aos estudos que me impellem os meus deveres profissionaes, eu tenho a certeza de não poder trazer-vos hoje um discurso, já não digo de ideas, porem, que deixe transparecer ao menos o bem cuidado da fórma, como, alias, fazia-se mister em uma circumstancia como esta.

Essa certeza tortura me de tal modo, senhores, que sinto-me contrafeito nesta tribuna, receiando a vertigem das alturas.

E', que, professando a doutrina do *nosce te ipsum*, reconheci em mim, de ha muito, as qualidades de um tolhado na vida, recolhendo-me, então á sombra da obs-

curidade, onde sempre tenho vivido, e, amando-a como sinceramente a amo, della não desejaria apartar-me.

A minha timidez característica nella encontrou o seu *habitat*, o seu terreno propicio.

Ahi estão todos os actos da minha vida para attestar o meu retraimento.

Apezar de ser justa a aspiração e louvavel qualquer esforço empregado nesse sentido, nunca busquei salientar-me no meio em que vivo; nunca procurei conquistar posições nem disputar postos que estivessem acima das minhas forças; e, nesse particular, senhores, posso affiançar-vos que sempre fui um juiz severo de mim mesmo.

Eis porque não me candidatei nem me candidataria jamais a vir occupar um logar no Cenaculo mattogrossense, do qual fazem parte os mais lidimos representantes do intellectualismo regional.

Candidataram-me. E, uma vez eleito, ainda mais, do modo porque o fui, por uma confortadora unanimidade que tanto sensibilizou-me, não me foi dado recusar tamanha honra. Não a merecia, reconheço: "mas os que merecem vieram a mim".

Tive que ceder ao pronunciamento irresistivel da amizade, e, nestas condições, senhores, aqui me acho para occupar o meu logar, "ou antes o logar que não é meu".

Vindo tomar assento na cadeira a que deram por patrono Francisco Catharino Teixeira de Brito, eu tenho a convicção mais pura de que esta cadeira não fica preenchida, tão distanciados estão os meus merecimentos, não só dos da primeira occupante da cadeira numero 6, deste Centro, a exma. sra. d. Anna Luiza Prado, que encarna, do modo mais perfeito, a cultura feminina mattogrossense, como tambem dos daquelle cujo nome foram buscar, por uma inspiração feliz, para baptisar a mesma cadeira.

A antithese é perfeita.

Nem mesmo a idade, poderei evocar, como ponto de contacto existente entre o recipiendario de hoje, que vaé tocando já ao zenith de sua existencia e o seu illustre patrono que, nascido a 25 de Novembro de 1861, na antiga Levergeria, hoje cidade de Nioac, falleceu em 1881, no dia 14 de Março, deste mesmo mês de Março, escolhido pelo Centro para fazer a sua glorificação.

Morreu moço, portanto, senhores, aos vinte annos, nessa quadra ditosa dos sonhos côm de rosa e das illusões doiradas, "antes de haver roçado os espinhos inseparaveis do caminho que conduz á madureza da vida" na poetica expressão do almirante Jaceguai.

Alem disso, senhores, Catharino de Brito era um joven dotado de uma imaginação ardente, servida por um talento reconhecidamente privilegiado.

Duas pedras preciosas vivia elle a lapidar com particular esmero, ajudado por seu portentoso engenho— a pintura e a poesia: a linguagem das imagens, que nos encanta e a linguagem propriamente dita, que nos arrebatava.

Dir-se-ia um ourives de boas obras de lei, a polir paciente e cuidadosamente, por suas proprias mãos, as pedras custosas do seu merecimento, pedras estas que a posteridade recolheu carinhosamente para engastar-las na corôa de louros destinada a cingir-lhe a frente.

Eu desejaria fazer, nesta occasião, um estudo completo, tanto quanto o permittissem minhas apoucadas forças, sobre a empolgante individualidade de Catharino de Brito.

Desejaria objectivar a sua pessôa, apreciando-a na sua complexidade intellectual, moral e physica; mas, escassearam-se-me, infelizmente, os dados.

As suas poesias, as suas télas de pintura, seriam indubitavelmente excellentes mananciaes para isso; destas ultimas, porem, ao que se sabe, só ha um precioso

remanescente no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, representando uma paysagem.

Mas, essa tela unica, encontrada até agóra, ainda que a tivéssemos aqui, seria insufficiente para individualisar o seu autor, que se rivalizou, entretanto, com os maiores talentos da sua epoca, a comecar nos prelios academicos, logrando obter approvações plenas na Imperial Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro.

E, si considerarmos a epoca em que viveu o joven conterraneo, o seu merecimento como artista assume proporções ainda mais apreciaveis.

Depois de um florescimento promissor iniciado com Porto Alegre, Evaristo da Veiga e muitos outros, as nossas artes plasticas, como que exgottadas pelo esforço empregado, cahiram em um periodo de estagnação profunda, caracterisada por uma prolongada esterilidade.

Foi, precisamente, no ultimo quartel da decadencia da nossa pintura que surgiu Catharino de Brito, ao lado de De Martino, Arsenio Silva, Almeida Junior e varios mais, que se celebrisaram, não só no pais como no estrangeiro, onde os seus nomes tornaram-se conhecidos e acatados.

Não teve Catharino de Brito estimulos outros que não fossem os da força de sua vontade; não teve, tão pouco, para proteger-lhe, os mecenas que surgiram em epocas anteriores e posteriores á sua.

Appareceu sósinho, e, á semelhança das altivas palmeiras da nossa terra, cresceu sosinho, inscrevendo, elle proprio, o seu nome, nas paginas doiradas da nossa historia artistica, paginas estas que deveriam leva-lo para a immortalidade e para a gloria.

E as suas poesias? Ah! dellas pouquissimas sahi-ram a lume. Apenas os seus primeiros ensaios, como *Lgrimas, Desalento, Pensando em ti*, etc.

Mas são ensaios que nos permitem avaliar a altura a que poderia chegar o poeta conduzido pelas azas po-

tentes de sua vigorosa imaginação, como acertadamente disse o dr. José Custodio de Alvarenga Netto, seu amigo predilecto e companheiro infatigavel na fundação do jornal o *Futuro*, na capital do Imperio.

As outras producções, as que engrossam a sua bagagem poetica, essas "ainda dormem na obscuridade augusta de sua virgindade".

Entretanto, senhores, que subsidio de extraordinario valor no viriam ellas trazer para um estudo perfeito do joven poeta, dando-nos o conhecimento de sua visão propria, das suas emoções, do seus sentimentos, através da orchestração dulçurosa dos seus versos?

Ellas nos fariam conhecer o seu character sem jaça, o seu coração bondoso, as suas virtudes perigrinas e o pronunciado sentimento de affectividade que trescalava do seu ser, qualidades estas que lhe foram transmittidas por sua mãe, d. Senhorinha Gaudie Nunes de Brito, a quem coube o maior papel na sua educação, visto haver perdido o seu pae, o capitão do exercito João Teixeira de Brito, quando contava apenas treze annos de idade.

Poetando, com a expontaneidade com que poetava, o primoroso vate matt grossense saberia photographar nos seus versos aquellas qualidades que exornavam a sua personalidade, como soube transmittir-nos a convicção que tinha da brevidade dos seus dias, neste valle de lagrimas, quando, no seu soneto *Confissão*, diz, no ultimo tercetto, á Adelina dos seus sonhos :

*"Eu quizerá passar MEUS CURTOS DIAS,
Neste mundo tão cheio de ironias,
Preso, Adelina, no teu seio undoso."*

Sua feição predominante em poesia, é o lyris-
mo, com suas notas mais leves, mais diaphanas, mais transparentes.

Ha, nas suas poesias, o mesmo encanto seductor que dei am transparecer aquellas cahidas da penna amestrada de Luiz Delfino, as mesmas lamentações e queixumes que reçumbram dos versos do festejado poeta da *Lyra dos 20 annos*.

Muito a propositoadamente deixei para apontar em ultimo logar a sua qualidade de poeta lyrico, E' exactamente ahi que reside, em meu modo de pensar, o seu maior merecimento.

Ser poeta lyrico, senhores não é ser simplesmente um poeta: é ser duas vezes poeta, é fazer a poesia pela poesia.

Já disse Luiz Murat "que a poesia lyrica é a patria de todos os poetas." Dou meu assentimento pleno a essa verdade inconcussa.

Nascida entre os helenos, não adoptou, entretanto, como patria sua a gloriosa Hellade. Invasora benéfica, ella transpôz pacificamente os lindes de todas as nacionalidades, ostentado, em todas ellas, a mesma belleza encantadora, a mesma suavidade empolgante, a mesma melodia enternecedora.

E', effectivamente, "a patria de todos os poetas"; mas deixem-me dizer tambem—é a lingua bellissima, delicada e expressiva que tanto falla á alma como ao coração,—é a lingua que todos comprehendem, mas poucos a sabem fallar.

Eis, senhores, esboçadas, embora muito pela rama, as qualidades artisticas e litterarias do joven conterraneo, tão impiedosamente arrancado á vida em pleno viço de uma mocidade cheia de esperanças, em pleno desabrochar de uma intelligencia fartamente privilegiada.

Que preminencia não viria occupar na litteratura patria. elle, que, com os seus primeiros vãos apenas, deixou nella merecido renome!

Bem disse o jornal *O Futuro* a que acima me referi, ao noticiar o seu passamento: "Não nos é dado avaliar a grandeza da perda que a patria soffreu com a morte prematura desse joven que pronunciava-se o mais possante gigante no futuro, porque não podemos calcular até onde podem subir os genios quando se entregam a uma tão fervorosa applicação, como Francisco Catharino Texeira de Brito se dedicou até a proxima vespera da sua morte, até onde podem se elevar aquelles em cuja fronte illumina o sól da gloria quando têm bastante tempo de percorrer o estadio das sciencias, aonde os modernos campeões do talento disputam das letras trophéos valiosos."

Este pequenino trecho, sómente, da noticia que mereceu transcripta nas *Datas Matogrossenses*, pela justeza dos seus conceitos, basta para definir a personalidade sympathica de Catharino de Brito e vale, por si só, pelo melhor dos elogios.

Já é tempo, senhores, de terminar esta palestra in-sossa, que vai ultrapassando já os limites que lhe tracei.

Não quero faze-lo, entretanto, sem dizer-vos algumas palavras sobre o *homem*, sobre a pessoa social de Catharino de Brito.

Comecem s por examina-lo no gyneceu da familia: foi sempre um filho amantissimo e um irmão extremoso. Não amava simplesmente aquelles que foram os auto-tores dos seus dias: adorava-os.

Temperamento vibratil, pouco expansivo, de uma gravidade invulgar na sua idade, dava, precisamente, a idéa, de um joven velho, como lhe chamara alguém.

Possuia uma consciencia rectilinea que servia de directriz a todos os actos da sua vida.

Dotado desse feitio, não supportava a menor das injustiças. Assim é, que, tendo-se submettido a um concurso para uma promoção na Repartição Geral dos

Telegraphos, da qual era funcionario intelligente e dedicado, solicitou immediatamente, num bellissimo gesto de desprendimento, sua exoneração do cargo de que tanto necessitava, por haver sido promovido um concorrente que obtivera inferior classificação.

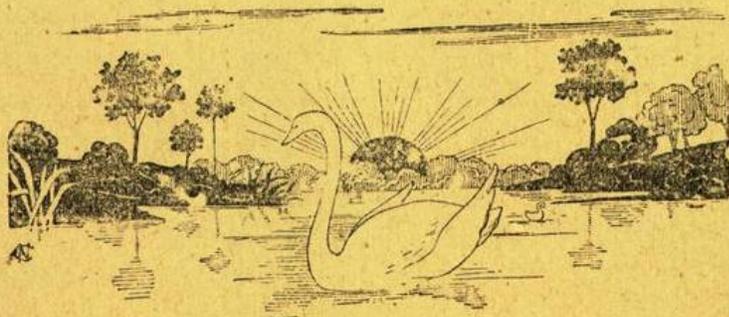
Senhores do Centro Mattogrossense de Letras
Não sei como agradecer vos a alta distincção da minha escolha para vir occupar um logar entre vós, como não me foi dado, até agora, compreender o motivo que a determinou, quando é certo que outros nomes ahi estão a se impor, aliás com toda a legitimidade, para a investidura que hoje venho receber.

Que offerendas poderei trazer-vos neste momento solemne, como cooperação minha, para a consecução do alevantado ideal a que se propõe o Centro Mattogrossense de Letras?

Não as possuindo dignas de vós, trago-vos apenas o que vos posso dar: a segurança da minha bôa vontade e a minha inteira dedicação.

Serei o Cyrenêo de nova especie, que ajudar-vos-á a levar ao Calvario, a cruz magestosa do vosso programma.

Tenho dito.



II

Discurso de recepção

Pelo socio

Quidio de Paula Corrêa.



A escolhas que significam ordens, que devem ser cumpridas. O dever nasce da função que o homem exerce na sociedade ou provém de princípios superiores—a cidadania, a crença, o affecto ou a delicadesa”.

Este pensamento, senhores, justifica plenamente, dá a razão maxima da minha presença, neste lugar e neste momento, em vez de um orador que pudesse deliciar a acuidade do vosso espirito de escól.

A determinação de que fosse eu quem recebesse Isác Póvoas nesta agremiação, partida, como não podia deixar de ser, do mais alto dirigente do Centro de Letras, o illustrado sr. desembargador José de Mesquita, por entre a legitimidade do seu mando de presidente e o affecto com que a sua grande delicadesa aprouve, sempre, tratar os seus pares; de par com os laços de “velha affectividade, duradoura e carinhosa” que nos ligam, a mim e ao recipiendario, forçaram me acceitar gostosamente a incumbencia, sem medir as consequencias do fracasso de um discurso literario, que eu, em bôa hora, substituo por simples expressões denunciativas de pura camaradagem.

Foi abrigado por essa camaradagem que pude acompanhar o evolver intellectivo de Isác, desde a sua meninice, perscrutando-lhe as emoções, mesmo a despeito desse modesto retrahimento que tanto o caracteriza, até aprecia-lo, tal como se aparelhou, capaz de cooperar valiosamente no impulsionamento do beletismo matogrossense.

Como todo estudante que se préza, Isác, desde cedo entrou a escrever para jornaes. E’ geralmente pelo jor-

nal que o homem de letras começa, já disse Garcia Redondo; "é ainda o jornal que lhe dá, maximé entre nós, as primeiras animações; é, finalmente, o jornal que consagra o escriptor quando o neophyto se transforma em um triumphador".

Felix Pacheco acha que o jornalismo é uma grande escola: que a elle deve tudo o que é e tudo o que aprendeu e affirma que a melhor literatura brasileira dos ultimos tempos fez escala pela imprensa. E' uma grande verdade. Muita gente tem-se feito nessa escola, como attestou a quazi totalidade dos expoentes da mentalidade patria, quando foi do inquerito por João do Rio feito, no Rio de Janeiro e cujos depoimentos elle enfeixou no precioso livro "O momento literario".

Isac, pelo seu temperamento, frequentou mais assiduamente os orgãos combativos: A Reacção, A Liça... Collaborou, entremettes, no O Jornal, no Mato-Grosso e nas revistas Mato Grosso, Nova época e Revista de ensino. Actualmente é um apreciado companheiro no Correio do Estado, onde é o mais aparelhado para receber as sympathias do publico, encarregado, que é, entre outras coisas, de redigir as "Sociaes", de fazer a cosinha do jornal, como intimamente se diz, temperando as expressões, ageitando os adjectivos ao paladar de cada um. Isso lhe absorve, é bem de ver-se, o melhor do seu tempo de produzir obra de folego, elocubrações mais aprofundadas do pensamento, em materia literaria, a não ser de raro em raro, como nos estudos de individualidades, cujos actos da vida o empolgaram, entre os quaes destaco os referentes a Sylvio Romero, estampado na A Reacção e a Nuno de Andrade, no O Jornal, ou nos discursos que tem sido forçado fazer, especialmente um, paranymphando uma turma de normalistas conterraneas, onde se mostra, além de cultor da fórma, pedagogista consciencioso, revelando-se perfeitamente a par da evolução da sciencia do ensino.

Isac sabe tambem versejar. Sua primeira produção poetica, um soneto a que intitulo, "Sonhando", soffreu sapéca impiedosa de um critico mediocre que por aqui andava, ha bons vinte annos atraz. Outro qualquer desanimaria. Isac, porém, é persistente; defendeu com extremos de carinho o primeiro rebento rythmado do seu cerebro juvenil e fantasista.

Entretanto o soneto não era mau, como vae a illustre assistencia apreciar :

Vi-te em manhã esplendida, nevosa,
Brincar contente n'um vergel florido;
Tu, parecias, cherubim querido,
A flôr do valle, candida, olorosa.

A tua negra cabelleira basta
Aljofrada de orvalho matutino,
Dava, sereia, um brilho adamantino,
Em tua fronte divinal e casta.

Eu, contemplando o teu perfil mimoso,
O teu sorriso brando e dulçuroso,
Jurei ser teu o peito meu, donzella.

Mas, como é lindo ve-la assim, formosa,
Tão meiga e bella como a pura rosa,
Tal, a sonhar, me apaixonei por ella.

Proseguio, pois, versejando, tendo dado toda sua preferencia ao lyrismo, corrente que defende por natural pendor, como ainda fortemente influenciado por Macedo, Bocage, Herculano, Nicoláo Tolentino, João de Deus, Gonçalves Crespo, e, pela eloquencia apaixonada de Castro Alves, seu vate preferido, por amôr do qual, e, agora, em homenagem ao seu patrono, pretende ainda se bater pela revivescencia da escola, contra o ter-

reno, conquistado pelo parnasianismo, por considera-la, com o poeta, a mais naturalmente incitante da espontaneidade dos éstos; desses sentimentos alevantados que fazem, "a cada gemido de dôr responder um éco de sympathia e de amôr".

Infelizmente a maior somma das producções poeticas de Isác não devem ser lembradas; foram expandidas em momento de tremenda lucta partidaria, entre contendores que se irrogavam, de parte a parte, entre os mais brandos, conceitos como este:

E' uma horripilante creatura
 Um aborto infeliz dessa natura
 Caprichosa a valer,
 Que tem a pretensão de ser poeta,
 Mas afinal não passa de um pateta
 Que apenas sabe ler.

Lente cathedratico da cadeira de literatura e logica do Lyceu Cuiabano, por concurso realisado em 1919, para a regencia da qual havia sido nomeado interinamente no anno anterior, dedicou se Isác, com afinco, de então para cá, ao magisterio, para o qual vinha manifestando accentuada tendencia desde a sua formatura, em sciencias e letras, pelo Collegio Salesiano desta capital e em cujo remanso tem sabido conseguir, ao lado de solido conceito de educador capaz e dedicado, methodizar os conhecimentos que lhe vieram a tropél, durante a sua primeira mocidade, para, de agora em diante, offerecer-nos, a mancheias, as flores do seu aprimorado intellecto, guardadas em uma alma bôa e generosa; flores essas que já deixam trescalar os seus perfumes. des-

prendidas das paginas de uma anthologia que o recipiendário está formando, de parceria com Alcindo de Camargo.—Tal é, senhores, o companheiro que a fina percepção e a habil direcção de José de Mesquita para aqui arrastaram e que eu vos apresento, em nome do Centro Matogrossense de Letras, saudando-o muito cordialmente.





A LARANJEIRA CUIABANA

*Eu amo, ó minha terra, a esbelta laranjeira,
Que, mesmo ao dardejar dos teus estios crus,
Ergue a fronde a sorrir, sempre verde e faceira,
Onde o ouro do teu solo engasta-se e reluz.*

*Mas eu a amo inda mais, quando a sazão fagueira
Reabre-lhe a florescencia em perfumes a flux,
E os velhos pomos de ouro, aos fremitos da leira,
Reverdescem ao sol, num milagre da luz.*

*Terra do berço! terra evocativa e linda!
Em ti o coração, como o fructo dourado,
Remoça-se tambem, na esperança e no amor,*

*Ao céo azul da infancia, onde elle sente ainda,
Nos effluvios subtis, que exhalam do passado,
O aroma virginal da sua vida em flor!*

D. AQUINO CORRÊA



ESTADO D'ALMA

Hoje o dia está triste e o céu nublado.
Vejo em tudo uma lagrima escondida...
Ha pelo ar um dobre de finado
E o tédio a bocejar sinto na vida.

Todo o meu ser se estorce constrictado
Numa agonia immensa e dolorida...
Sinto um grande desejo incontentado
De uma belleza vaga e indefinida!...

No desejo de um bem, anciosa e presa,
A receber os beijos da saudade,
Fica minh'alma enregelada e fria!...

E é tanta a dor que este meu peito invade
Que nem sei se é do dia essa tristeza
Ou se é minh'alma que entristece o dia!...

Franklin Cassiano



AO CORVO

Não me enganas, conheço a negrejante sombra
Da tua envergadura, e a traça negra e fria
Dessa sombra feral, que, com acerba ironia,
Espalhas sobre mim e derramas na alfombra.

Infundes o amargor, que me tortura e assombra,
Da atroz recordação e da melancholia,
Da saudade immortal que sem pena exércua,
E sem dó despedaça e sem piedade ensombra.

Espedaça e tortura, enche de espesso luto
O ergástulo em que vivo, asylo da tristeza,
Da desesperação e da atra dor reducto.

Mas, ó negro viajor das plagas infernaes,
Emmudece, reprime essa última fereza,
Não digas nunca, nunca, a phrase : —nunca mais !

José Raul Vilá

A José de Mesquita

O destino das pedras

*O destino das pedras indaguei-o
Nos palacios, nas ruas e nas lapas.
E, entre os bellos, o teu, que á ganga escapas,
Diamante, e brilhas em virgineo seio.*

*Prisioneiras do orgulho, ellas em meio
Vivem de regias tunicas e capas,
Como a amethysta cujo brilho veio
Para a pompa dos bispos e dos papas.*

*A esmeralda e o rubi: «Symbolo somos.»
«Sinto, diz o brilhante, em cruz, a gloria
Sobre a epiderme de sagrados pomos»*

*«A noiva, diz a perola, me engasta
Ao collo.» E quem és tú? Conta-me a historia.
«Pedra da rua, ella pisou-me. E basta.»*

Victor Hugo

*Quando meus olhos nos teus versos ponho,
De tudo e de mim proprio segregado,
Muitas vezes, de noite, até supponho
Ter o degrau da perfeição galgado.*

*E exilado de mim, arrebatado
Num outro plano espiritual, risonho,
Não sei si, morto, sinto-me acordado,
Ou si, vivendo, simplesmente sonho.*

*E que ao côro de gloria que te cobre
Se una tambem a voz humilde e pobre
Dos meus versos ephemeros e obscuros.*

*E é pouco tudo, que o teu nome amado,
Como um tropheo, só pode ser cantado
Na legenda dos seculos futuros.*

Camões

*Quatro seculos, poeta, e ainda resôa,
Como outr'ora, tua lyra altiloquente,
Cantando-nos os feitos de tua gente
Em Africa, em Macau, em India, em Goa.*

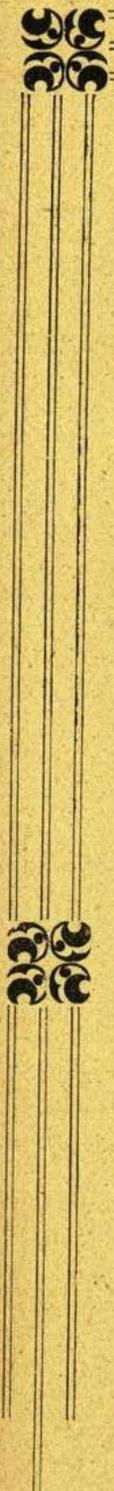
*E ainda vemos nos pelagos, a tôa,
Cheia de gloria, como antigamente,
A nau de onde salvaste o poema ingente,
De que o teu Portugal se galardôa.*

*E, ó Camões immortal! que empreendimento
Cantar-te os feitos ou cantar-te a sina,
Tu patria; tu-poesia; tu-tormento!*

*E eu não te elevo! e te elevar quem ha de
Do supremo degrau da arte divina,
Si verso é gloria, e gloria é eternidade?!*

Allyrio de Figueiredo

(Do Livro a sahir — Pemas da Gloria)



Enquanto escurece

Agora o ceu é cor de cinza. Lentamente
Escurece.
Hora que, em meu espirito doente,
Actúa, como uma prece,
Crepusculo ! minha hora predilecta...
Minha coroa de espinho...
Vem de longe este meu carinho
Por ti, doce hora de abandono, quieta.
Como é suave recordar
Quando vens assim, muda, de vagar...

O ceu tem tons mortuarios. Lentamente
Anoitece.
Quem por esta hora que fenece
Canta e a alma dolente
Dum velho piano desperta ?
Pobre alma enferma que anda amortalhando
A sua canção doente
Numa toada incerta...
A sombra cresce. A voz esvai-se. Eu sonho...
Sob esta lampada morrente
Versos que muitos não comprehenderão,
Componho
Ao sabor do coração.
São versos, versos de lembrança...
(Ah ! minha unica e ephemera esperanza !)
Ha de entendel-os alguem,
Lendo-os, quando uma tarde evocativa vier.
Pois, notai bem :
Elles têm uma fórma de mulher.

Oscarino Ramos

SESSÃO SOLEMNE DE POSSE E RECEPÇÃO EM 6 DE JUNHO DE 1925

I

Elogio de José Thomaz

Discurso de posse pelo socio

Antonio Cesario de Figueiredo Neto



ALA Plutarco, na vida de Solon, dos banquetes que o velho legislador de Atenas oferecia aos seus súbditos, e assinala a curiosa circunstância de que seria punido aquele que se negasse ao comparecimento, como réu de soberba e de infracção aos costumes públicos. Igual delicto seria o meu, senhores, se me atrevesse a uma recusa, quando me vi surpreendido pelo carinhoso convite do Centro Matogrossense de Letras, a pertencer á sua corporação.

Sim, porque a lembrança do meu nome pela alta instituição literária, outra coisa não foi senão como um opulento banquete que soberano potentado oferecesse ao triste mendigo faminto que passasse deante do seu solar. Por certo que o pobre se sentiria enleado em penetrar os amplos recintos do régio palácio, não se arriscando porem á rudeza de recusar a esmola lançada de mãos generosas e nobres.

Tal foi comigo. No secreto do meu coração exultei agradecido. Mas fui o primeiro em reconhecer-me indigno de tão excelente graça, sem me atrever, entretanto, á recusa, temendo se tomasse como altiveza o que seria apenas a expressão da minha timidez e do meu espanto. Conciliado assim comigo mesmo, outro obstáculo se me antolhou terrível, que por pouco estive não renuisse a tão alta preeminência. Era a dura condição que o Centro de Letras impôi, de que o novo sócio tome posse solene da cadeira. Assombrou-me o receio de falar perante um auditorio culto como êste, salteara-me o pavor de morder a poeira do ridículo,—pensamento que me estarecera, me prendera em dolorosa indecisão, me confrangera terrivelmente o ânimo, *m'avea di paura il cor compunto*.

Mas cumpria-me reagir, porque me cumpria corresponder á honradora bondade de José de Mesquita, que vira em mim o valor, que nunca possuí, para pertencer a êste augusto sodalicio, que êle anima ao alento vivificante do seu luminoso espirito e do seu incomparavel coração.

E ora me vejo na atroz aflicção de um réu que aguardasse o veredictum impendente.

Miseratio sit!

Não espereis de ouvir um elogio nos moldes académicos, menos ainda um estudo literário. Nada mais que o cumprimento de um arduo dever e uma homenagem ao patrono da cadeira que imerecidamente venho ocupar.

Um estudo literário caberia a quem possuísse os dotes necessários á critica, essa critica superior que é uma criação perpétua, e que exige o fino senso estético aliado á sensibilidade penetrante e á originalidade criadora.

Nasceu José Tomás de Almeida Serra, em Cuiabá, aos 7 de março de 1866. Passou os primeiros anos de meninice ao suave abrigo da disciplina cristã, que o levou a iniciar a vida pela carreira eclesiástica, no Seminário Episcopal. Logo, porem, mudara de propósito, e ei-lo que surge para o mundo, sequioso de acção e de luta, na ânsia ingenua de ferir a alma terna de adolescente nos aculeos dolorosos do "*ourico invertido*"—o meio social, no dizer incisivo de Raul Pompéia.

Abandonou o seminário e guiou-se para a milícia. Nova renúncia. A espada, como a estamemha monastica, não lhe assentaram bem. Deixou-se estar na comodidade modesta da burocracia, conseguindo ser nomeado para escrivão dos feitos da fazenda. E isto lhe bastava.

Não vejais nestas vacilâncias uma disposição para a sinecura, nem ainda um character apático e indolente. São ao enves, a manifestação de um temperamento que se não amoldava ás exigências e á estreiteza da pragmática.

Qualquer burguês sensato, dessa sensatez de gravata ou de *croisee*, buscaria uma carreira rendosa, de grande futuro material. Mas o nosso poeta fugira a qualquer especialização c'e mister social que lhe tolhesse os surtos do espirito sonhador. E' a rebeldia inata do talento. Ou, para dizer com Martins Fontes, que diz melhor:

*"quem nasceu para cigarra
nunca pode ser formiga"*

Ei-lo, como a cigarra inocente, a cantar e a sonhar, a contemplar das franças altaneiras da sua olaia, o formigueiro humano que moureja entre ambições mesquinhas que se chocam.

Surgiu para a vida com a alma latejante de emoções, ao alento de sonhos e de esperanças, como uma flor que desponta radiosa aos beijos do sol.

Entres estes sonhos e ilusões da mocidade aparecem os primeiros albores dos anseios amorosos: adolesceu torturado pelo encanto das mulheres, o que é já a melhor e mais viva maneira de ser

poeta. Quis provar os ressaibos vários da alma feminina, ora doce como um fruto sumarento do outono, ora amargo e acerbo como a morte:

Que importa a rósea pétala
Do cacto se entreabrindo,
Se a lua o rosto lindo
Eleva na amplidão,
Se nêsse seio lúbrico
Tens rosa, niveo lírio,
Que trazem em delírio
Minha febril razão.

Nêsse delírio ele se deixava estar, compreendendo que todo homem verdadeiramente homem sofre pela mulher.

Sentia a fa'az ilusão da vida, que nos deslumbra e encanta, e nos desengana, nos arrasta á voragem do sofrimento e da dôr, para a qual rolamos numa carreira irremissível e eterna:"

Neste vale de lágrimas, o riso
De prazer é reflexo indeciso,
A dôr também se afaz o coração"

Como puro artista, não ficou numa estéril atitude de desanimo ou de desespero.

Amou a vida em todas as suas torturas, todas as suas miserias, todos os seus engan os. *L'artiste doit aimer la vie, et nous montrer qu'elle est belle* — disse-o Anatole France.

José Tomás não permeneceu nos intermundios do sonho, indiferente á sua época, de agitações e lutas políticas em prol do movimento abolicionista e republicano .

Não foi dos mais ardorosos campeadores dessa cruzada, mas é-nos licito dizer que compartiu do magno ideal, porque militou nas lides jornalísticas, e o jornalismo do tempo era um esfuzilar de scentelhas que ardiam ao calor das idéias democráticas. Aqui chegavam os ecos dessa emoção que abalava o país todo, guiado pela figura máscula de Silveira Martins, cuja eloquencia selvagem estava em assomos de entusiasmo e de cólera—procela formicanda que se desatava em vortices violentos e em lufadas aspérrimas; ameaçando o velho casarão monarquico.

No nosso campo indígena, tres jornalistas avultavam como os mais cenodados paladinos das novas ideias : José Maria Velasco, Vital de Araujo e Francisco Agostinho Ribeiro.

Mas eu não quero desfigurar os factos. José Tomás não foi um abolicionista representativo. Foi simplesmente um poeta e, — para dizer-vos com toda a minha sinceridade—o maior poeta mato-grosense da fase romantica. Hoje, que a poesia entres nós ganhou em vastidão, em brilho e em intensidade, hoje possuímos quatro ou cinco poetas que o sobrepujam.

Entretanto a sua lira nova e sonora viverá, não como o sol em pleno zénite, mas como um raio vivido na alvorada da nossa evolução literaria

E como poeta êle poderia repetir o vaticinio dos versos horacianos: *Non omnis moriar multaue pars mei vitabit Libitinam.*

José Tomás é uma alma cândida, para quem a elegia se torna a expressão mais sincera e mais viva dos sentimentos pessoais.

Vem-lhe a inspiração espontânea e forte, quando fala de si proprio, ou antes, a si proprio. *Car c'est ici — escreve Faguet — la différence entre l'élégiaque vrai et l'autre. Il n'est mauvais de parler de soi que quand on songe à en parler, Parler de soi en parlant à soi même, c'est proprement la méditation, et c'est proprement se laisser vivre.*

E é assim que canta o nosso poeta, que nos faz as suas confidencias, deixando um traço vivo e sincero da sua vida interior.

Com este temperamento artistico, ele não podia deixar de estar filiado na tradição romântica da nossa poesia. Verdade é que o romantismo como escola, achava-se, por então, em franca, decadência.

Entretanto José Tomás é um puro romantico. E era justo, porque ainda aqui não havia chegado a influência do parnasianismo e do realismo que se já firmavam na literatura brasileira.

A demais disso, o romantismo é doutrina literaria das mais sedutoras e fecundas, que fascinou e dominou sempre os artistas dotados de grande imaginação e sensibilidade, rompendo as cadeas ferreas das escolas e dos sistemas e constituindo o desespero dos classificadores da historia literaria, que pretendem rotular escritores e enfileirá-los em prateleiras como a mercadorias. O romantismo é de todos os tempos. Estou certo que não direi heresia, afirmando que Corneille lhe é o maior representante na literatura francesa e, — o que de certo mais admirará — Leconte de Lisle uma alma intensamente romantica, que por conformidade ao movimento literario da sua época, passou como mestre da doutrina parnasiana.

O que dá ao romantismo o caracter de escola é o alto grau de intensidade com que domina os espiritos em determinada época.

Foi o que se viu no final do seculo XVIII. Com a deformação do ideal classico, em que houve uma como dispersão de forças, surgem os genios de Rousseau e Chateaubriand que infundem á literatura todo o vigor da sua individualidade forte. E a literatura toma um surto possante, recebendo do primeiro o alento da sua profunda sensibilidade, e do segundo a riqueza inexaurível da sua imaginação poderosa. E foi este renascimento da imaginação e da sensibilidade na literatura, que se denominou o romantismo, porque são as dua faculdades espirituais que constituem o fundo de todos os poetas românticos, cuja tendência é libertar-se da realidade pela imaginação, e mitigar-se no filão da sensibilidade pessoal. Eis portanto as duas asas com que o poeta alça o vôo ás alturas serenas da arte. E como todo vôo, é uma força, e uma grande força de que são capazes apenas as individualidades superiores ás imitações apagadas e aos artificios de escola.

Pois bem senhores, essa força possuiu-a José Tomás.

No seu estro palpita a chama interior dos grandes sonhos e dos sentimentos intensos, aos quais só faltou o concurso do tempo para que, do seu espirito acicalado na reflexão e nas tormentas da vida, desabrolhasse, como um fruto sazonado, a perfeição artistica na harmonia sutil da idéia e da expressão.

A melancolia lhe fecunda o sonho, e permanece como nota constante nos seus versos. Donde lhe notamos o feitio literario mais de um puro elegiaco, de que o de um lirico, na precisão técnica da palavra. Possui a delicadeza de sentimentos e uma suave tristeza em que ressumbra por vezes a dolorosa agonia do *Cantico do Calvário* de Fagundes Varela, como naquella *Nênia* que escreveu sobre a morte de sua irmã Maria Amélia.

Sente-se em José Tomás, e sem nenhum esforço de analyse uma sensibilidade forte original e viva: ve-se que ele encontra facilmente a idéa poética, imprimindo-lhe uma vivacidade de impressão, isenta de fantasmagorias romanescas nem plangências alambicadas. A execução, se é quasi sempre inferior á concepção, agrada todavia em sua singeleza e se lhe falta movimento, precisão de traço e harmonia de ritmo, não lhe falta o colorido suave e uma certa espontaneidade graciosa. Assim por exemplo, na admiravel canção amorosa, "*QUE IMPORTA!*" — sobre a rigidez e monotonia do ritmo, lateja intensa vibração emotiva e certo brilho de imaginação, como se num tronco anoso e tosco poisasse um bando gárrulo de passarinhos.

A mór parte das suas composições são pequeninos poemas de amor e de ternura. Nelas está a sua vida: — a sinceridade caracteriza-lhe a arte. Tão espontaneos, tão sentidos são esses versos, que nos permitem conhecer-lhe não só o talento literario, como também todo o seu coração, toda a sua alma, que aí sangram e choram, porque neles palpita a expressão viva dos seus sofrimentos e dos seus desenganos. Não são *versos feitos*, são vividos

E é este o cunho de toda individualidade puramente artistica, porque não ha arte que não seja pessoal.

Surgiu modernamente a doutrina-por não dizer preconceito—da arte objectiva, doutrina de todo absurda, que reduziria a criação artistica a uma simples receptividade passiva.

Toda literatura é pessoal. É sempre um pouco de nós mesmos o que exprimimos nos nossos escritos, malgrado quaisquer predisposições ao objectivo. Não basta ao artista observar, é necessário que sinta, e para sentir há-de haver uma alma que pulse ás impressões exteriores. A propria observação nada mais é que a projecção do *eu* sobre a natureza, ao contacto da qual se fecunda o nosso mundo interior de ideias e de sentimentos. Há uma perfeita harmonia entre a alma do artista e o espectáculo complexo e eterno da vida. E é a individualidade que imprime relêvo e intensidade ao belo disperso no mundo externo. O que tudo confirma que o selo pessoal de obra artistica não exclui o universal. Muito ao contrario, quanto mais intima fôr, tanto mais humana será, porque se nela vibra a emoção de uma alma, vibrará, por certo, a emoção de todas as almas. E só existe poesia, quando o poeta, na sua maneira particular de sentir, exprime os sentimentos e as inquietudes eternas da humanidade.

Tal foi, em vago prelúdio a lira de José Tomás.

Parcela infima da imensa alma cósmica, experimentou as ásperas angústias do pensamento e do sonho, fazendo do seu coração um estuário das dores humanas, como aquele de que nos fala Bilac, e cantou até que a morte o veio surpreender, em 30 de março de 1889.

Sucumbiu aos 23 anos de idade, no primeiro viço da vida. Passou fugace pela terra, como estrela pálida e doce, que, brilhando um momento, derramou sobre a materialidade vã das cousas humanas um raio luminoso de sonho e de consolação.



II

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Pelo socio

ALCINDO DE CAMARGO

Exmas. Senhoras

Senhores



EIO o sementeador, o poeta illuminado, ajoelhou na terra úbere e lançou a semente flava. Orvalhou-a a inspiração altriz do vate, germinou a semente e frondesceu a arvore. E á sombra protectora vieram outros, tambem illuminados e sonhadores, congregaram-se, e á guiza dos antigos bardos e velhos druidas que cantavam e celebravam os seus mysterios á fronde esmeraldina das magestosas arvores, compuzeram o ritual, se formou o culto e o templo ergueu-se-eis o Centro Mattogrossense de Letras. Nasceu da alma inspiração de um poeta—José de Mesquita—a 22 de Maio de .1921.

Ha quatros annos tão somente e já a sua ramada se distendeu formosa... e ao seu abrigo acolheram-se os bardos da tradição patria; os cantores das romanças do coração; os poetas da nossa bravura e da nossa gloria; e os rapsodos das lendas e do fabulario nacional...

Mas como a arvore que perde, ao rigidos golpes dos ventos outonaes, muitas ramas que formam o seu toucado, assim tambem, o Centro vê com amargor e com saudade, nas outonadas de sua vida, partir um dos seus caros iniciados. Ulysses Cuiabano, alma radiosa de poeta sonhador, partiu levado pela nortada incoercível da vida pratica para militar em agros mais distantes. E manda o nosso ritual em seu parag. 5º do artigo 3º, não esqueçamos o officiante que nos deixou e de socio effectivo Ulysses passara a socio correspondente, ficando-nos do poeta a saudade de sua convivencia.

E vieste, tu, Cesario, como a vergonhea a despontar promissora, occupar a cathedra n. 16 em moldurada pela memoria do saudoso conterraneo José Thomaz de Almeida Serra cujo elogio magnifico acabas de tecer com as filigranas do teu talento.

'Delineaste bem, na confactura da tua peça, a vida, a epoca, a personalidade do poeta.

Análizaste a alma de Almeida Serra, coroando-lh'a com a laurea doirada que a nossa gratidão lhe penhorava.

Não nos enganamos, portanto, na tua escolha para o Centro Matogrossense e nem vieste, como modestamente dizes, qual o esmoler a bater o portal de sumptuoso palacio em que reluzem os cristaes, faianças e pompas da riqueza material, mas, como o eleito que recebendo as bençans eucharisticas de um templo, vem reunir-se ao côro dos iniciados para entoar os psalmos de seu ritual.

Porque, tu, sob a tunica da modestia que te cinge, tens a pulsar a melodia de um coração sonoro e as vibrações de uma intelligencia vivida.

Não é, por certo, a harpa da amizade que entoa o hymno do valor.

São as notas das tuas proprias obras que compõem a partitura do elogio.

São dos teus primeiros ensaios insertos na ephemera "A Aspiração", no "O Jornal", e na "A Cidade" aos conceituosos estudos sobre "Camões", "Machado de Assis" e "Anatole France" aos quaes imprimes uma visualidade pessoal, fructo de tuas observações e das tuas vigílias espirituas, manifestando-se já, em todos elles, a capacidade e a paciência do beneditino que na seara fecunda da intelligencia seleccionando as boas producções, conserva-as com deligente amor para della estillar a seiva avigoradora do seu espirito e nos mimosear com as paginas de prosa sadia tecida com os labores da sã linguagem adquirida na fonte crystalina dos classicos.

Só a directriz que te traçaste de não renegares as bellezas e recamos da lingua que nos foi legada pelos nossos antepassados registra uma feição recommendavel nos teus estudos nesta phase de desvario literario em que se não cultiva o gosto, se não educa precisamente a intelligencia e se ignora a nossa herança mental e se é impellido sobretudo pela soffreguidão atavica e irrefreavel de se desalterar nas castalias de forasteiros lares, a sêde incontida de aperfeiçoar, saber e agradar.

"Chegamos, diz Ronald de Carvalho, de improviso a todas as posições e governamos o nosso povo, lendo os constitucionalistas americanos, os historiadores ingleses, os esthetas allemães e os criticos e romancistas franceses. Lemos tudo isso em frances, mas não importa. Podemos citar Hamilton, Macaulay, Wickelmann e e Renan. Não nos sobra occasião, portanto, para folhear os livros nacionaes".

Entretanto, senhores, a nossa terra é um horto florestal de bellezas ainda não cantadas aguardando os audazes desbravadores intellectuaes.

"que em bandeira buscando esmeraldas
e prata"

do sentimento nacional, no seu regaço velladas as eternizem no rythmo dos hemistichios ou na orchestração de uma prosa scintillante.

E estás predestinado a ser um destes penetradores, porque tens o condão de, lustrando a tua formação cultural na agua espirital de outros climas, não te deixares enfeitiçar pelos amavios seductores que hão desnaturado intelligencias claras ao desamor da nossa lingua e de nossa historia. Não que façamos a preconização systematica do classicismo inteверado, que porem, ael amos, si as plantas ao sorriso da vernal estação cobrem-se de novas e prefulgentes ramagens, sem perder os traços da sua genitura, porque não ha de a lingua, ao sopro alentador da civilização, evoluendo, acompanhando o desenvolvimento progressivo do povo que a falla, enriquecer o vocabulario, ataviar-se de novos filões de ouro, sem desfigurar a estrutura que lhe modelou a indole nacional?

"A lingua, disse-o judiciosamente Gomes Ribeiro, é o nosso proprio espirito feito carne. Quem a despreza, despreza aquelle, e mostra-se indigno, senão incapaz de comprehender-lhe os mysterios".

E por isso á guiza dos mineiros que vão catando nas gangas péjadas as pedras luzentes nellas acamadas, tu vaes enthesourado as pedras raras da vernacula linguagem com que adereças os rebentos flóridos do teu espirito.

E's um dos zeladores da pureza da nossa lingua e para justificar o titulo ahi está "Os factos da linguagem" em que resaltam o zelo e o amor que lhe dedicas.

E cabal, pois, que o Centro recebendo-te em seu pronaos, te não faz mercê, porque não és, como queres, o pedinte a bater a porta de magestoso palacio; não és o peregrino que alçando os olhos para a nave respeitavel de um templo, exora a sua condonação; mas és o mysta, o caminheiro do ideal, que iniciado nos segredos e bellezas do myterios que se professam neste cenaculo, vem, religiosamente, offerecer-lhe a oblata do seu espirito.

E que offerecendas deliciosas, de myrrha e incenso, que ao contacto do fogo sagrado da inspiração, sobem, rescendentes, em espiraes, formando na cupula do vestibulo fulgurante da arte, symbolico velario de esperanza:

De esperanza, sim; porque, és moço e em toda mocidade corre a seiva forte e fecundante de novas energias.

E o Centro que descobriu em ti as qualidades inilludiveis de um promissor e bravo companheiro de jornada espiritual, acolhendote no seu recinto, antegoza já a farta messe que nos estão a prefigurar os teus esforços e a tua perseverança no estudo; de esperança para essa pleiade brilhante de noveis escriptores que vendote coroado tão cedo, na tua luta de intellectual, certificar-se-á de que, afastando as honras concedidas pelas superfluidades materiaes da vida, galardoamos tão somente, o merito alcançado pela excellencia do espirito que lhes abrirá o portico do Centro Matogrossense de Letras.

Prosegue, pois caminheiro, a tua peregrinação e te bemdigam os cyrineus da arte é quanto basta.

E em nome desta conspicua corporação, apresento-te os votos de boas vindas ao nosso convivio, e os de que, os renovos da tua intelligencia conservem sempre o frescor de uma primavera eterna a embellecer os muros veneraveis deste santuario de cultura em que encontrarás nos momentos tediosos da vida, no cansaço do labor mental, nos ataques dos gypaetos á obra meritoria dos que muito trabalham e produzem, o refugio espiritual que pedem os crentes da Belleza Suprema e da qual és um dos adoradores que acaba de receber, nesta solennidade, as auras divinas do seu culto.





Trinta e tres annos

Ao mestre e amigo Augusto de Lima

I

*Ja me alvejam as cans por sobre a fronte.
Da collina da vida na explanada,
alongo o olhar, perscruto toda a estrada
que vai de um horizonte a outro horizonte.*

*Vem de longe a ampla via illuminada,
de quando, ainda menino, puro e insonte,
comecei a galgar-te, áspero monte,
rumo á doce Chanaan imaginada.*

*Alcancei-a ? Não sei. Quem é que a alcança ?
Vivêmos de esperança em esperança,
e ora de desalento em desalento...*

*E a olhar toda a distancia percorrida
busco vêr, do outro lado, o que inda a vida
me reserva em prazer ou soffrimento...*





II

*Mas, certo, alguma cousa significa
chegar até este tôpo onde me vejo,
e ter, tal como tenho, o doce ensejo
de revêr o que alem. tão longe, fica!*

*Saudade—que hontem se chamou desejo,
tristeza—de doçuras mil tão rica,
mágua—que menos dóe do que edifica,
bemdigo o vosso influxo bemfasejo.*

*Vida que eu abenço e que agradeço
a quem m'a deu, feliz, desde o começo
até esta calma, nobre e augusta idade;*

*só hoje te conheço bem a fundo,
como o fructo a que o outono traz, fecundo,
toda a doçura da maturidade!*





III

*Sabor da vida pleno e integral,
ó tortura e prazer do pensamento
que vai reconstituindo, lento e lento,
tudo o que o tempo leva, bem ou mal!*

*Como é bom, da existencia em meio, attento
a este das cousas evolvêr fatal,
sentir ainda no seio a flamma ideal
da poesia — almo e puro sentimento!*

*Entre a infinda amargura da saudade
e o aneio da esperança que me invade,
vejo—te, ó vida, cheia de poesia,*

*e ainda hoje o coração me enches e accordas,
como uma velha lyra cujas cordas
ha muito tempo já ninguém tangia!*

10 de Março de 1925

José de Mesquita



Paginas contemporaneas

A REPUBLICA

O Brasil colonia, reino e imperio, aspirou sempre a fórma republicana de governo, não só por libertar-se do jugo lusitano, como pelos assomos da alma popular, em que figuravam os mais conspicuos filhos deste solo americano.

Felippe dos Santos e Tiradentes foram, nas alterosas terras mineiras, os legitimos representantes desse ideal e os proto-martyres que regaram com o seu sangue o germen de onde devia brotar, flôrescer e fructificar a arvore da liberdade sonhada naquella epocha em que era um crime pensar na independencia da patria.

A revolta dos espiritos contra o absolutismo da metropole, no movimento chefiado por Felippe dos Santos e na conjuração mineira, embora suffocada pelos viceréis do Brasil, não deixou de alastrar-se pelas demais provincias, surgindo, após, a revolução pernambucana, em 1817, a confederação do Equador, em Pernambuco e a republica do Piratiny, no Rio Grande do Sul, as duas ultimas já sob o regimen imperial proclamado em 1822.

As luctas politicas do primeiro imperio e da regencia, arrefeceram e apaziguaram os animos exaltados, na confraternização de duas raças irmãs, cujos interesses como que se fundiam sob o governo do segundo Bragança, para ao depois se consolidarem no tremendo abalo causado pela guerra do Paraguay.

Entretanto, a aspiração nacional, propagando-se

por todos os recantos civilizados do paiz, fazia avultar o desejo de implantar em nossa patria a republica como fórma de governo, o que effectivamente realizou-se na formosa manhã de 15 de Novembro de 89.

Trinta e cinco annos escoaram-se já e o Brasil, florescendo e prosperando financeira e economicamente, devido aos recursos naturaes de que dispõe, mergulha-se, por outro lado, no abysmo da desordem economico-financeira, da anarchia e da indisciplina, cavado pelos seus proprios filhos.

A sua divida externa, ascendendo a muitos milhões, exige um só pensamento e uma só vontade em torno dos graves problemas nacionaes, a fim de que possa a nação libertar-se dos grilhões que a acorrentam ao estrangeiro.

O povo tem supportado patrioticamente a carga de pesados impostos creados para equilibrar as finanças desorganizadas e cada vez mais desequilibradas por despesas que poderiam ser evitadas ou adiadas para melhores tempos.

A desobediencia ás leis e á constituição politica do paiz, tem sido, de outra parte, a origem de outros tantos males, que annuham os horizontes da patria.

E' preciso educar e instruir o povo, porque mais de 80 % de brasileiros não têm noção da patria, nem dos direitos e deveres dos cidadãos, desinteressando-se por completo dos problemas vitaes da nação, nem uma parte tomando conscientemente no que legalmente a constituição lhes faculta.

No emtanto, a republica era o sonho caricioso das principaes mentalidades e dos homens mais puros no Brasil, os quaes não duvidaram derribar um throno para sobre os seus escombros erguerem um altar onde todos podessem depositar, em holocausto, as suas mais custosas offerendas, fructo do mais acendrado amôr da Patria.

Não attingimos ainda a perfeição do regimen, é certo, mas nem por isso devemos perder a scintilla da fé que nos deve guiar por entre os entraves do caminho.

O Brasil será, sem duvida, sob o regimen republicano, uma das primeiras potencias do globo; o seu desenvolvimento economico será lento e penoso, pois, enorme é a sua extensão territorial e pequeno ainda o contingente da actividade intelligente para accionar a marcha progressiva de sua civilização; mas, o surto do seu progresso e da sua grandesa é um facto insophismavel e positivo.

Sejamos, antes de tudo, si quizermos a felicidade do Brasil, tal como a sonharam os próceres da Republica, os semeadores do bem e da prosperidade de nossa querida patria.

Antonio Fernandes de Souza

Páginas esquecidas

UM ANNIVERSARIO

Sempre que chega este dia, por meio de um exame retrospectivo, torço a percorrer mentalmente o trecho de caminho em que jornadaemos juntos, já lá vão dezeses annos.

Durante este tempo, jamais olhei para o ponto de partida que não o considerasse como inicio dos unicos dias que merecem ser contados entre os dias de minha vida. Quando começou a viagem eras quasi uma criança; e desde aquelle momento te mostraste incondicionalmente affectuosa, abdicaste teus desejos e puzeste todo teu empenho em repartir com o teu companheiro os thesouros inexhauriveis de teu coração.

Na estrada que trilhamos temos tido horas de jubilo e dias de lucto; mas em todas as circumstancias conservas a mesma simplicidade, a mesma rectidão; teu exemplo me tem esclarecido e confortado. Habituei-me a ler em tua alma, quando meu espirito hesita, os conselhos que elle pede á tua razão singela, á tua intuição inspirada.

De nossa convivencia resultou, por um phenomeno inexplicavel, que sendo tu mais fragil, devendo eu ser mais experiente, tomo-te como guia seguro na vida. A meu lado, modesta, bôa, meiga, insensivel aos espinhos sob teus pés, segues attenta em suavizar-me as asperezas do caminho. Correm as estações deixando em nós e em torno de nós vestigios de sua passagem, porém, cada anno decorrido mais retempera e robustece os laços que nos prendem; e na mais íntima profun-

deza de meu ser, em sacrario recondito, occupa todo o espaço o culto que te consagro unico, absoluto, indeluctavel.

Sem duvida já nos conhecemos em outra existencia e nas futuras devemos continuar a amar-nos, porque as grandes, as exclusivas affeições sobrevivem as ephemeras contingencias da vida material

Será isso um sonho, será uma illusão? Se é illusão, nenhuma outra já se impoz com maiores apparencias de verdade.

Feliz de ti que não te canças com essas indagações das coisas transcendentis. Chegaste ao resultado que busco, com uma confiança serena nos designios de Deus. Vais cumprindo tua missão, seguindo teu destino, sem intenção estudada, por acto espontaneo, por uma orientação instintiva.

Raro homem não teve na mocidade algum esplendido sonho de amor que lhe pôvesse a alma nas horas de solidão. Como artista enamorado de belleza ignota, elle inventa um typo peregrino em cuja criação entram traços feminis conhecidos e attributos do mundo da ficção. Para esta imagem concorrem as heroínas immortaes dos divinos poetas: Beatriz empresta lhe a pureza celestial; Ophelia, a paixão submissa; Esmeralda, o encanto inebriante, a graça exotica de uma cigana. Tal è a mulher ideal que muitos sonham, mas ninguém encontrou ainda.

Não me lembro se já idealizei tambem. Sei apenas que no dia de nosso primeiro encontro nada percebi em ti que não fosse muito natural, sem a minima affectação. Fizeste-me o effeito de uma pessoa amiga que eu tornasse a ver depois de curta separação. E logo, na franqueza do teu olhar, na singeleza de tuas palavras e de teus gostos, adivinhei o character sem artificio, a sinceridade das emoções, o bom senso, o coração precioso que fazem de ti a mãe admiravel, a esposa perfeita.

Fóra de ti, todas as preocupações e interesses mundanos são coisas para mim secundarias e subalternas. O lar que tua presença alegre, em que tua solitudine carinhosa e constante creou uma athmosphera de paz, um porto de abrigo, um asylo muito forte e muito doce, só elle satisfaz meus anhelos do presente e minhas aspirações do futuro.

Bem dita seja para sempre a hora primeira em que te vi!

(*Traumer.*)

Francisco Marianni Wanderley

(O "O Estado" de 7—2—904)



Páginas dos Novos

I

AMOR PERDIDO

Certa noite . . . num barco solitario,
Fitando o céu de estrellas millionario,
Do meu caminho, divisei a estrella
No alem , bailando alvinitente e bella.

De sonhos fiz um vasto campanario;
E em vão fiz eu p'ra o amor n' alma um sacrario;
Pois nunca mais, qual d'antes, pude vê-la
No alem, bailando, alvinitente e bella.

E agora com saudade quieto e mudo,
Lembro-me dessa estrella ; e em meu redor
Ouço do desespero o brado agudo:

— Não vês que ella não te ama porque é infida?
Canta e abandona a cruz do ignoto amor!
Morre, esquecendo as illusões da vida !

II

A ESTRELLA DOS MEUS AMORES

Ceguei enfim ao pincharo do monte ...
Ao pé do altar do meu sacrario santo ..!
Rehavendo a estrella que anhelava tanto,
Buscando-a no infinito do horisonte.

Inda banhada de infantil encanto,
Avisto-lhe a alva e immaculada fronte,
Do bello sendo inexgotavel fonte
Em que me embebo, em que me inspiro e canto.

— Morre, esquecendo as illusões da vida —
A voz do desespero me bradava,
Toda a vez que perdida a imaginava.

Tornei a ver, porem, ao fim da lida,
O seu clarão ; e agora pelo mundo
Sigo , cantando o seu olhar profundo.

Orestes Miraglia

(Do Gremio Castro Alves)

Bibliographia

A. GONÇALVES DE CARVALHO

Os companheiros de rancho

— edição d' "A União" Rio — 1918 —

Creio que pouca gente entre nós conhecerá o romance do dr. Antonio Gonçalves de Carvalho "Os companheiros de rancho", editado nas officinas typographicas d' "A União", do Rio, em 1918.

E, entretanto, é este um dos poucos romances matto-grossenses, e por esse facto, como ainda pelo que vale em si mesmo, mereceria a mais ampla vulgarização no nosso meio literario, infelizmente bem reduzido.

O dr. Antonio Gonçalves de Carvalho, autor deste interessante livrinho, não deve estar ainda esquecido dos cuyabanos que tenham transposto o marco semi-secular da idade, pois, vai por volta de cinco boas décadas que elle aqui aportou, nomeado Juiz de Direito da Comarca da Capital, tendo ficado intimamente prezo á nossa terra que chegou a representar na Camara temporaria de 1881.

Muitos dos nossos conterraneos e mesmo muitas patricias nossas a que o inverno dos annos vae a esta hora encanecendo o negror das cômas luzidias recordar-se-ão, ao lêr estas linhas, do inspirado poeta da "Flôr de néve" e dos doces episodios romanescos do seu noivado,—evocando, atravez daquelles deliciosos versos tão singelos e tocantes, uma pagina sentimental da nossa antiga vida provinciana.

A outros, estudiosos de nosso pasado e assiduos cultores dos nossos problemas economicos e politicos, o nome do dr. Carvalhinho trará á memoria os seus curiosos estudos sobre a estrada de ferro—a nossa velhissima e ainda insolucionada aspiração!—obras publicadas com o pseudonymo A. Bueno, em 1875 e 1877.

Ninguem, porém, se referirá ao novellista encantador, ao delicado pintor das nossas paizagens do sertão e ao analysta sagaz dos nossos costumes, qual se nos revela o dr. A. G. de Carvalho no seu romance acima alludido. E isso pela razão muito simples e explicavel de que em nenhuma obra que d'elle se tem occupado figura tal romance, pois o mesmo foi por longo tempo conservado em original, só dado á lume 7 annos atraz, por louvavel iniciativa do Centro da Boa Imprensa de Petropolis, presidido nessa occasião por um filho do dr. A. G. de Carvalho. De facto, nem S. Blake, que no seu nunca assaz economico "Dicionario Bibliographico Brasileiro" v. I p. 179 se refere ao dr. A. G. de Carvalho, nem Estevão de Mendonça que lhe dedicou duas paginas das suas "Datas Matto-Grossenses" poderiam pela razão que ficou dita, registrar esta obra do poeta "Mericano".

Feliz acaso proporcionou-me, faz algum tempo, o prazer da leitura

deste livrinho, e não vejo melhor assumpto para esta secção de hoje que transmittir-vos, amigos meus e leitores, a minha sincera impressão desta obra que tive o prazer de lêr.

Pertence o romance, como o seu nome está dizendo, á chamada "literatura da guerra" que tambem a tivemos e bem numerosa, depois do conflicto em que se empenhou a nossa Patria com a dictadura de Lopes, o tyranno imperialista do Paraguay. O dr. A. G. de Carvalho, como é sabido, servira de auditor de guerra junto ás forças que operaram no sul da então provincia de M. Grosso e colheu naturalmente nesse periodo da sua vida as observações flagrantes e vivas que transplantou ao depois para o seu livro.

Desenvolve-se o entrecho do romance, sub-intitulado de historico, durante a marcha operada pelas forças referidas desde o Coxim até Miranda, de Março a Setembro de 1866, atravessando a zona do Rio Negro, Tabôco e Aquidauana, Os "companheiros de rancho" são 4 officiaes da expedição ligados pela mais estreita e leal camaradagem - o Freitas, o Costa, o Neves e o Leite - e as scenas da marcha penosa, quasi heroica, atravez dos pantanaes sulistas, são descriptas ao vivo, sem floreios, numa simplicidade elegante, pelo autor, testemunha ocular dos acontecimentos.

Ha trechos tocantes, como a morte do Leite, victimado pela infecção paludica, que ceifou innumeradas vidas entre os expedicionarios; outros chistosos, de irresistivel bom humor, como o da "ronda" do mesmo Leite - por signal um dos typos mais bem apanhados do romance; outros de uma doçura de idillio pastoril, como os que relatam o amor do tenente Freitas pela encantadora Maria.

Esta "Maria do Lima" é um bello typo femenino, delicadamente focalizado no seu ambiente, uma "cre-

ação literaria" digna de figurar, a certos respeitoes, ao lado das heroínas sertanejas, émula no amor e no soffrimento daquella outra nossa patricia a Innocencia, immortalizada pela penna de Taunay num dos primeiros romances brasileiros e, certamente, o mais bello romance matto-grossense.

A figura de Maria, na sua discreta paixão, passa envolta de uma velada poesia, enchendo de encanto espirital todo este bello romance.

Os outros typos são tambem desenhados ao vivo: o velho Lima e a mulher, - verdadeiras photographias dos nossos sertanistas, trabalhadores e bons, - o somitico Netto, o miseravel Rodrigues, o bondoso Dr. Pereira, o impagavel Garibaldi - constituem uma bella galeria de creações copiadas, num flagrante expressivo da realidade. O estylo nada fica a devêr ao que se pôde denominar o fundo, a inspiração do romance: é simples, sem preocupações de fórma, mas nem por isso falho de graça e elegancia.

Citarei, a esmo, alguns trechos: a descripção do "cerrado" - que o autor compara com a matta, numa bella pagina descriptiva (pag. 105); a narrativa que o Pedroso - camarada do Freitas - lhe faz do ultimo encontro com a Maria, em phrases como esta, de penetrante naturalidade: «Apenas *nhá* Maria deu conmigo, levantou-se com ancia, mas logo *esfriou*, como querendo *occurtá* seus sentimentos. . . » (pag. 110); a apologia do burity, "esse companheiro da agua no deserto", (pag. 113) e tantas outras paginas que fôra longo citar. O autor desabafa-se, em rudes invectivas, contra o descaso a que o Governo votára a expedição, deixando-a soffrer os horrores da fome, sem uma base militar segura, sem viveres, sem recursos de especie alguma.

E', por certo, esta a parte mais fraca do romance, muito pessoal, apaixonada mesmo, mas que não lhe tira o real merecimento. A obra

ficará como um padrão destinado a perpetuar a coragem e a resistência épica dos nossos soldados, e, ainda que em menores proporções, figurará, nas nossas bibliothecas, de par com a gloriosa epopéa da "Retirada da Laguna", e outras obras desse genero, como "O guia de Matto-grosso" de Eduardo de Noronha, que tambem se passa nessas terras do Sul, sagradas para nós pelo sangue de tantos heroes, terras que inspiraram ao nosso poeta, o actual Arcebispo de Cuyabá, os mais bellos dos seus carmes patrioticos, como estes:

«En canto o teu passado, eu canto a heroica
dessa atroz retirada, em q' a sangrenta pista

dos martyres sagrou, numa luz nunca vista,
do teu fecundo solo o legendario mappa!

(Terra Natal, 2.a edição, pag. 93)

Essa, a literatura que deve, de preferencia, inspirar-nos. Esses, os temas que devem os nossos vates e novellistas abordar: temas nossos, inspirações nossas, que, infelizmente, têm impressionado mais aos extranhos do que mesmo aos filhos desta terra. . . Livros como este, de A. G. de Carvalho devem figurar em todas as estantes matto-grossenses.

J. de M.

AMADEU AMARAL

O Elogio da Mediocridade - S. Paulo. 1924

Além de grande poeta, cuja evolução se operou serena e perfeita em quatro admiraveis volumes, publicados no espaço de 25 anos, Amadeu Amaral é ainda, no mesmo grau de perfeição, prosador consumado.

Falar de um livro seu, em rapida nota bibliográfica, soaria ao ridiculo, e eu de tal me dissuadira, se, bendito seja Deus, não me alentasse uma profunda admiração e simpatia infinita ao excelso escritor.

Fior maravilhosa de pensamento e de arte, *O Elogio da Mediocridade* é uma collecção de encantadores ensaios literários, em que o autor penetra, com lucidez e profundidade, motivos estéticos e problemas de literatura (*O Calvário dos poetas, Poesia de ontem e de hoje, Linguagem e caracter, A Comédia ortográfica*, etc.), e debuxa com agudeza, amplitude e pontualidade de desenho, os retratos literários de Olavo Bilac e Machado de Assis. Sob a forma aparentemente dispersa de collectânea, es-

tão os estudos como malhetados por uma perfeita unidade de pensamento e de estilo, que assegura ao livro o mais alto lugar na nossa critica literária.

No tratar as matérias mais delicadas e complexas o A. se mostra senhor do assunto: argumenta magistralmente, toma a questão geral, sem embarçar-se em circumstancias particulares, e desenvolve espontaneamente as suas ideias com regularidade e exacção, num movimento igual e continuo, conduzindo-as a conclusões luminosas e fortes, que persuadem. Não fôra o receio de alongar-me sobremaneira, eu cederia ao prazer de aqui reproduzir um número imenso de conceitos admiráveis, de observações e de imagens. Ao menos não haveria risco de que se deturpasse o magnifico espirito do livro através dos meus comentários toscos e escuros. Mas a rapidez do artigo não permite citações.

Amadeu Amaral é dos raros escri-

tores, que entre nós exerce a critica na altura de género definido, com o indispensável sentimento de fraternidade literária, com profundidade e elevação, fecundadas por essa maravilhosa ductilidade espiritual que, longe de indicar flutuância de opinião, é apenas a floração artistica do bom senso, dêsse «bom senso alado e florido, inflamado no perene desejo de embelezar e melhorar a vida».

Infelizmente ainda existe no Brasil quem enxergue na critica um valor somenos e um carácter estreito de parasitismo e de *magister dixit*. Resto de incultura mental, êsse juizo é, em parte, o resultado do falso emprêgo que dela fizeram e ainda fazem certos *censores de livros*, desvirtuando-a e torcendo-a para reproches grosseiros, análises parasiticas e preceitos sibilinos de retórica seródia. Os criticastros nunca matarão a critica, porque os maus poetas nunca mataram a poesia, nem matarão. Todavia, e o nome conserva êsse estigma, e se ainda alguém persiste na birra com a palavra, lembre-se de desprezar-lhe a letra e tomar-lhe o espirito, vendo na critica, o que ella é em substância: estudo de literatura, sob o trílice objectivo, historico, sociológico e individual. De resto, aqui está o livro de Amadeu Amaral, que desfaz galhardamente o velho preconceito. Escritos com a sensatez e a orientação sadia de quem conhece intrinsecamente a estética e a história literaria, os seus estudos derramam luz de sol sobre pontos obscuros e incompreendidos da nossa literatura, rectificam argumentos, sanam injustiças, ministram observações profundas, descortinam horizontes novos aos estudiosos e realizam perfeita obra de criação—o que é a verdadeira finalidade da alta critica. Ao cabo, deixa-nos o mais intenso prazer mental.

Há ainda no livro páginas em rebate necessário ao scepticismo grosseiro dos nossos dias, a êsse cabotismo que se avoluma contra a literatura; páginas vibrantes em que o

A. se expande em verdades fortes e justas, que ardem como labaredas, e em iconias pungentes e cortantes como granizadas de gelo. E' realmente deplorável êsse lamaçal de positividade rasteira, hostil a quaisquer iniciativas de espiritualidade e de intelectualidade. De intellectualidade principalmente: a preocupação literaria, a mais desinteressada preocupação dêste mundo, não conta hoje senão com uma rude indiferença por parte dos *homens práticos*, bem achado eufemismo que a tollice obteve.

Alvo de censuras ridiculas, o homem de letras, com especialidade o poeta, recebe o titulo de *maniac*, *indolente*, e outros apelidos com que a chatice irreverente rende cultos á superioridade mental. «Hoje, no Brasil,—escreve o A.—vai rumorosa e espumejante a corrente anti-literaria e especialmente anti-poética».

Mas êle não se deixa estar numa conformidade medrosa, de desalento e fraqueza. Sem preconizar reacções arestosas nem protestos retumbantes, indica-nos uma attitude elevada e serena de trabalho, de fidelidade ao culto da Beleza e de aperfeiçoamento moral *Non ragioniam di lor...*

Quanto à linguagem e ao estilo, *O Elogio da Mediocridade* é uma obra prima entre as primas da prosa nacional.

Artista perfeito da linguagem prosada, Amadeu Amaral conhecendo destramente a lingua, formou o seu estilo ao saudavel influxo dos mestres clássicos, êsses mágicos da palavra, que sabiam aliar á precisão e segurança geométricas a maleabilidade ondulosa da argila.

Dêste modo Amadeu Amaral possui um estilo aparelhado a todas as nuances e a todas as exigências torturantes do pensamento. De sabor vernáculo e sadio, o seu escrever terso e vivo, lavrado em periodos harmonicos e sonoros, se notabiliza pela precisão do traço e pelo colorido de imagens admiraveis em fôrça e novidade,—característicos de um estilo proprio e definido.

Pela essência e pela forma, é pois *O Elogio da Mediocridade* o maior acontecimento literario destes ultimos anos. Livros como estes dão vida a uma literatura, mormente á nossa, oscilante que anda, aos embates da incultura, e sufocada ao bafo esterilizante do *futurismo*.

Livro encantador que ha-de ser compreendido e amado por todos os que ainda sentem no coração, adorada e viva, a sua Mosca Azul.

Creácio Neto

DANTE

Conferencias de Amadeu Amaral — São Paulo 1921

As coisas realmente bellas nunca envelhecem, por isso não me parece inoportuno dizer algo do bello trabalho de Amadeu Amaral, apparecido em fins de 1921. São duas conferencias, ou, melhor dito, é apenas uma, pois a segunda dellas é uma palestra que o auctor fez para estudantes de um gymnasio de S. Paulo, e que, entretanto, merece lida, não só pela mocidade, mas até por todas as pessoas, pela edificante lição de moral e de civismo que encerra. Nella apparece o gigantesco poeta florentino a nos dar a sua primeira lição, a lição do trabalho immenso que desenvolveu em sua vida, trabalho ao mesmo tempo physico e intellectual; depois a lição de possuirmos um ideal e de lutar por elle. Dante teve dois grandes ideaes em sua vida, que elle magnificou admiravelmente nos dois symbols: Virgilio, a sabedoria e Beatriz, a virtude e o amor; por fim a lição de sabermos unir o sonho á acção, o senso do real ao senso do ideal, a capacidade, que Dante possuia em dose phenomenal, de labutar com afino no plano das realidades humanas, tendo sempre em vista um ideal superior de aperfeiçoamento e de belleza.

A primeira conferencia, lida no Theatro Municipal de S. Paulo, por occasião de sexto centenario da morte de Dante, constitue a parte fundamental do livro. Nella o auctor re-

sume a largas pinceladas tudo quanto se pôde dizer, dentro do ambito de 55 paginas, de um dos maiores espiritos que hajam illustrado o mundo.

Admiravel de synthese, o trabalho nos encanta pelo debuxo largo e preciso, pela imagem surpreendente e ampla, pela eloquencia vivida e arrebatedora. Quando o autor justifica a sua ousadia de falar sobre Dante, relativamente á de outros escriptores que tambem escreveram em louvor do allíssimo Poeta, tem expressões como esta: "Que importam mesquinhas differenças de côvados diante de alterosa cordilheira? Que importam commensurações de pinheiras anões e pinheiras gigantes, de faias grandes e faias pequenas, de palmeiras rachiticas e palmeiras robustas, diante da silva frondejante e ressonante, que ondeia eterna sobre a montanha, espanto dos homens e desafio dos tempos?"

E mais adiante, referindo-se á alta universalidade do poeta:

"Dante é universal. Pertence a todos, grandes e pequenos. Transcendeu todos os limites. Não é de um grupo, não é de uma época, não é de uma terra, não é de um credo. É da humanidade. A humanidade não tem outros limites que os limites do mundo e os limites dos tempos".

Tal a precisão do estylo, a sobriedade em desprezar os accidentes de

somente valor, e de olhar apenas para a perspectiva do conjunto, que se diria ter tomado para si, em relação a Dante, a phrase que este dirigira a seu mestre Virgilio:

Vagliami il lungo studio e il grande amore,

Que mi ha fatto cercar lo tuo volume, dada a estrutura precisa e sólida do estilo do Alighieri.

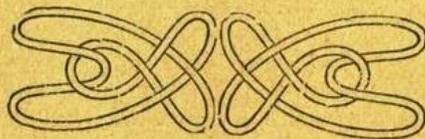
No terreno das ideias o autor revela-se um perfeito interprete do pensamento dantesco, fazendo rebrilhar, acima das formalas e dos symbolos, a sublime intenção que os anima.

Eis a sua exegese: "A epopéa do christianismo antigo e da Italia de outrora" é tambem o poema eterno do soffrimento e do ideal. Pelos nove

círculos allegoricos do "Inferno" das paixões e dos erros, penam as almas embrutecidas e malfazejas, «anime prave», como no "Purgatorio" se afadigam e esperam, melancolicamente, as almas desejosas de subir á patria remota e divina do pensamento e do extase, á região serena da sabedoria."

E assim vae, maravilhosamente, tecendo o elogio do grande poeta e pensador florentino, verdadeira gloria "dei latini" que compoz a epopéa grandiosa em que se espelham todas as torturas e todos os ideias da humanidade, ideias de: perfeiçamento, de ascensão moral e de belleza.

J. R. Vilá



Actas das Sessões do Centro

Mattogrossense de Letras

Acta da 20.ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos quinze dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte quatro, pelas 9 horas, no salão de honra do Palacio da Instrucção, em sessão de eleição da mesa e das Comissões do Centro Mattogrossense de Letras, reuniram-se os snrs. José de Mesquita, Philogonio Corrêa, João Cunha, José Raul Vilá, Alcindo de Camargo, Antonio Fernandes de Souza, Oscarino Ramos, Ovidio Correa, Oliveira Mello, Cesario Prado, Octavio Cunha, e Palmyro Pimenta, tendo se feito representar, enviando seus votos, os socios D. Aquino Correa, Dr. Virgilio Correa Filho, Cel. José Magno, e Professor Ulysses Cuiabano. Após a leitura e approvação da acta da sessão anterior, no expediente foi lido e approvedo o parecer relativo á tomada de contas do anno anterior, procedendo-se em seguida a eleição da mesa e das comissões após a verificação do numero dos socios presentes que se constatou ser em numero legal e bem assim da designação dos socios Philogonio Corrêa e Palmyro Pimenta para escrutadores. Recolhidos os votos foi purado o seguinte resultado: *Para Presidente*, Des. José Barnabé de Mesquita, com 15 votos; Cel. José Magno da Silva Pereira, com 1 voto. *Vice Presidente* - Dr. Virgilio Corrêa Filho, com 15 votos; e Cel. José Magno com 1 voto. *1º Secretario* - Prof. Philogonio de Paula Correa, com 14 votos e Cesario Prado com 2 votos. *2º Secretario* - Dr. Palmyro Pimenta, com 15 votos e Alcindo de Camargo com 1 voto. *Thesoureiro* - Ovidio de Paula Corrêa com 15 votos e Octavio Cunha com 1 voto.

Comissão de redacção. - Dr. Oscarino Ramos, Cesario Prado e José Raul Vilá com 15 votos cada um, e Alcindo de Camargo com 3 votos. *Comissão de orçamento.* - Drs. Octavio Cunha e Miguel Mello e João Cunha com 15 votos cada um, Alcindo de Camargo 2 votos e Ovidio Correa 1 voto.

Comissão de admissoão - Des. Augusto Cavalcanti e Ulysses Cuiabano 16 votos cada um, Antonio Fernandes de Souza 15 votos e Ovidio Correa 1 voto. Os eleitos foram logo aclamados. Em seguida o Snr. Presidente nomeou as duas comissões abaixo para a organização do festival commemorativo da morte de Machado de Assis a realizar-se no dia 29 de Setembro. *Programma e ornamentação*: Cesario Prado, Philogonio Corrêa e José Vilá *Convites e recepção*: Oscarino Ramos, João Cunha e Palmyro Pimenta.

Foi tambem designado o dia 15 de Novembro para a posse do novo socio Isac Povôas, devendo recebê-lo em nome do Centro o consocio Ovidio Corrêa.

Para a elaboração do Regimento interno foi nomeada também uma comissão composta dos senrs. Cesario Prado, Alcindo de Camargo, Oscarino Ramos e José Vilá, que funcionará sob a direção do Presidente do Centro.

Diversas providências foram ainda tomadas com relação à inauguração da sede e da bibliotheca do Centro a realizar-se no dia 7 de Setembro, tendo sido autorizada a mesa a contractar um zelador e a promover as medidas necessaria à mesma installação.

Antes de encerrar a sessão o Senr. Presidente deu conta de varias deliberações tomadas pela Mesa no intervallo das sessões, e bem assim fez sciente a casa da offerta feita pelo socio dr. Virgilio Corrêa Filho de uma valiosa colleção da "Revista do Brazil" à bibliotheca do Centro.

(a) José de Mesquita—Ovidio Corrêa—Alcindo de Camargo—Cesario da Silva Prado—Antonio Fernandes de Souza—Palmyro Pimenta.

Acta da sessão de posse e installação da sede do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos sete dia do mez de Setembro de mil novecentos e vinte quatro, pelas nove horas da manhã, na sede social do Centro Mattogrossense de Letras, a rua Treze de Junho, sob a presidencia do Exmo. Senr. Pedro Celestino Corrêa da Costa, dignissimo Presidente do Estado, presentes os socios e mais pessoas abaixo assignadas, foi aberta a sessão, lida e approvada a acta da sessão anterior, tendo sido em seguida empossadas a nova Directoria e as diversas Comissões eleitas para servirem no anno social de 1924-1925.

Feita igualmente a leitura do expediente, que teve o seu devido encaminhamento foi pela comissão especial, para esse fim nomeada, apresentado o Projecto do Regimento Interno do Centro, tendo em seguida o Senr. Presidente nomeado os Srs. Philogonio Correa, João Cunha e Palmyro Pimenta para em comissão darem parecer sobre o mesmo.

Logo após passou o Snr. Presidente a fazer a leitura do Relatorio referente ao anno social extinto, finda a qual, foi declarada officialmente installadas a sede e a bibliotheca do Centro. Fizeram uso da palavra os snrs. Philogonio Corrêa e Palmyro Pimenta respectivamente, 1º e 2º secretarios, Alcindo de Camargo e Alvaro Pontes, que se referiram entusiasticamente ao acontecimento que representava para o Centro a installação de sua sede. Finalmente o Snr. Presidente encerrou a sessão agradecendo o comparecimento dos presentes.

E para constar, eu Palmyro Pimenta, 2º secretario, lavrei a presente acta que vai por todos assignada.

Pedro C. Correa da Costa—José de Mesquita por si e representando o Dr. Virgilio Correa Filho—Edmundo de Macedo Ludolf—Philogonio de Paula Correa—Alcindo de Camargo—Salvador Celso de Albuquerque—Miguel C. de Oliveira Mello—Caio Lins da Cunha—Martins Oliveira—Alvaro Rondon Pontes—Benjamin Duarte Monteiro—Bernardina Rich pelo gremio Julia Lopes, Oscarino Ramos—Leonidas P. Mendes, Vice—Presidente da Camara Municipal da Capital, Severino Ramos de Queiroz—Horacio de Lemos—Cesario da Silva Prado—Antonio Fernandes de Souza—Ovidio

de Paulo Correa—Frei Ambrosio Dryde—Licio Augusto de Veneza—João Pedro Gardés—Benedicto A. London—João Cunha—José R. Palma Junior—Oscar Correa Pina—Celestino Correa Pina—Joaquim Monteiro de Mendonça—Helio Ponce de Arruda—Palmyro Pimenta.

Acta da 21.ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

As desenove dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e vinte quatro, as nove horas, na sua sala social, reuniram-se em sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" os socios José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos, Philogonio Corrêa, Cesario Prado, Ovidio Correa, José Raul Vilá, Antonio Fernandes de Souza, e Alcindo de Camargo.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

No expediente foram lidas uma carta do socio Cesario Prado fazendo offeria de varias obras á Bibliotheca do "Centro" e um cartão da "Academia Brasileira" agradecendo a remessa da "Revista."

O Presidente encaminhou á Comissão de admissão a proposta apresentada em mesa do nome do Sr. João Campos Vidal, para socio correspondente em Caceres, que estava assim concebida: "Propomos para socio correspondente do Centro Mattogrossense de Letras na cidade de S. Luiz de Caceres, o Sr. João de Campos Vidal. Muito jovem ainda, elle fixou a sua residencia naquella bella cidade do norte mattogrossense onde, embora abraçando a vida commercial, vem tomando parte saliente em toda as manifestação da vida intellectual do lugar.

Assim é que, de ha muito, é assiduo collaborador de diversos jornaes que alli apparecem, ora redigindo ponderados artigos de fundo nos quaes, comprehendendo as necessidades do lugar, commenta os factos, indica as medidas, orienta a opinião publica; ora deixando a sua alma librar-se aos paramos da idealidade, arranca das delicadas cordas da sua lyra sons suaves, leves, ligeiros, que são os seus versos harmoniosos, perennemente juvenis e espontaneos, impregnados de armas brandos que fazem recordar ou sonhar com coisa boas e carinhosas. Campos Vidal ainda escreveu monographias juridicas como advogado que é, e sobre historia do municipio e cidade de Caceres. Quem assim, por longos annos, vem empregando o melhor dos seus esforços para erguer material e intellectualmente um pedaço da nossa terra natal é por certo bem digno de ser socio correspondente da nossa agremiação litteraria. Cuiabá, 19 de Outubro de 1924. Oscarino Ramos, Alcindo de Camargo, Cesario Prado. "Em seguida foram discutidos os pareceres da Comissão de tomada de contas favoraveis á approvação das contas apresentadas pelo procurador Sr. Benedicto Augusto London e referentes ao exercicio anterior e da Comissão de admissão, opinando pela aceitação do Dr. Allyrio de Figueiredo, para socio correspondente na cidade de Tres Lagoas, estando a proposta e parecer assim redigidos: "Propomos para socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" na cidade de Tres Lagoas o Dr. Allyrio de Figueiredo. Talento de escol que honra a nova geração mattogrossense, não é o proposto uma esperaceça apenas no nosso meio intellectual, pois já se affirmou em esplendida realisacão, qual o seu primeiro livro de bellas e inspiradas "Poesias" que, recebido lisongeiramente

pela imprensa carioca, mereceu as mais honrosas referencias do erudito critico patrio Dr. João Ribeiro.

Continuando a consagrar ás lettras, para as quaes manifesta decidido pendor e fino gosto, as horas que lhe sobram da sua vida de multipla actividade, Allycio de Figueiredo tem, prestes a ser dada á publicidade, uma segunda serie de "Poesias", da qual faz parte o formoso soneto que, a titulo de exemplificação, em seguida transcrevemos :

Sosinho, como um reprobó, caminho.
E no caminho, a tudo indifferente,
Sem ninguem que me falle, vou sosinho.
Como de ignota terra estranha gente.

Para. Contemplo os lares como um ninho
Cheios de risos e de paz elemente.
E exilado do amor e do carinho,
Busco a resignação. A vista mente.

Mente o sorriso e a calma, assim supponho,
E no seio fecundo da amargura,
Bebo a verdade--minha irmã--do sonho.

E vejo a terra de alegrias cheia . . .
E a dizer-me, no entanto, que a ventura
E' uma illusão da desventura alheia !

A entrada para o "Centro" do autor desses versos, tão bellos, quão profundos, se impõe e admittindo-o não fazemos um acto que resulte um estímulo ; e sim uma demonstração do nosso superior sentimento de justiça. Cuiabá, 15 Junho de 1924. José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Philogonio Correa.

Parecer da Commissão de admissão :

Estamos de pleno accordo com a proposta acima firmada pelos Snrs. José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho e Philogonio Correa para a admissão, como socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" na cidade de Tres Lagoas do presado conterraneo Snr. Allycio de Figueiredo, esmerado cultor das lettras, como se tem revelado nas divers s obras a que ja deu publicidade, constituindo a sua entrada para o "Centro", como bem diz a proposta, uma demonstração de verdadeiro sentimento de justiça. Cuiabá, 15 de Agosto de 1924. José Raul Vilá, Ulysses Cuiabano, Augusto Cavalcanti de Mello.

Ambos esses pareceres foram approveds por unanimidade, seguindo-se após a discussão e votação do projecto do Regimento Interno, com o parecer da Commissão especial concludindo pela sua adopção.

Com algumas modificações, foi o projecto approvedo, indo á Commissão de Redacção para ter a conveniente e opportuna publicidade.

Foi encerrada a sessão ás onze e meia horas.

José de Mesquita — Virgilio Corrêa Filho — Ovidio Corrêa — Philogonio de Paula Correa — Antonio Fernandes de Souza — Alcindo de Camargo — Oscarino Ramos.

Acta da 22ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras",

Aos sete dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e vinte quatro, pelas nove horas, na séde social do "Centro Mattogrossense de Letras", a rua Treze de Junho, reuniram-se em sessão ordinaria os socios José de Mesquita, Virgilio Corrêa, Oscarino Ramos, Philogonio Corrêa, Ovidio Corrêa, Antonio Fernandes de Souza e Alcindo de Camargo.

Depois de lida, foi approvada a acta da sessão anterior.

Após a leitura do expediente que constou de um officio da Academia de Letras agradecendo a remessa das informações solicitadas com relação ao "Centro" e de uma carta do socio José de Mesquita offerecendo a Bibliotheca social varias colleções de periodicos desta capital, passou-se á parte deliberativa, ficando resolvido que a proxima conferencia da serie de elogios de patronos seja feita pelo socio João Cunha, que deverá estudar a personalidade de Frederico Prado.

O Presidente deu conta á casa de haver, na forma das estatutos, designado o socio Oscarino Ramos para substituir o socio Palmyro Pimenta, no cargo de 2º secretario, visto ter o mesario effectivo se ausentado para a vizinha cidade de Poconé.

Foram accusadas varias offertas de obras e publicações feitas á Bibliotheca pelos socios Virgilio Corrêa e Ovidio Corrêa.

Encerrou-se a sessão as dez e meia horas.

José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Alcindo de Camargo, Oscarino Ramos.

Acta da 23ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"

Aos quatro dias do mez de Janeiro do corrente anno, pelas nove horas, na séde social do "Centro Mattogrossense de Letras" á rua Treze de Junho, reuniram-se em sessão ordinaria os socios José de Mesquita, Presidente, Virgilio Corrêa Filho, Vice-Presidente, Oscarino Ramos, 2º Secretario e Alcindo de Camargo, Bibliotecario.

Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente que constou de um officio da Academia de Letras relativo aos premios literarios para as obras publicadas em 1924, uma carta do socio Ulysses Cuiabano communicando a transferencia definitiva da sua residencia para o municipio de Santo Antonio do Rio Abaixo, uma proposta do nome do poeta Cleomenes de Campos para socio correspondente em S. Paulo e um parecer da commissão de admissão opinando pela accettazione do Sr. João de Campos Widal para correspondente na cidade de S. Luiz de Qaceres.

Foram accusadas as seguintes offertas feitas ao "Centro":--um artistico tinteiro para a sua séde, pelo Major Firmo Rodrigues, doze obras diversas para a Bibliotheca, pelo Revd. Fr. Ambrosio Daydé, e um exemplar do relatorio "A Circunscrição Militar de Matto-Grosso e o levante de S. Paulo" pelo Dr. Jayme de Vasconcellos, em nome do General Nepomuceno da Costa.

Na ordem do dia foram designados pelo Presidente as comissões organisadoras do festival que o "Centro" realizará á 22 do fluente, no qual o socio João Cunha fará o estudo do seu patrono Frederico Prado e que ficaram assim organisadas :

Programma e ornamentação : Philogonio Correa,—João Cunha e Alcindo de Camargo. Convites e recepção : Oscarino Ramos, Ovidio Correa e Antonio Fernandes.

Foi declarada vaga a cadeira n. 16 da qual é patrono o poeta José Thomaz, devendo ser aberto para o mesmo concurso, nos termos dos Estatutos approvedo, por unanimidade, o parecer aceitando o Sr. Campos Vidal para socio correspondente em Caceres. O Presidente nomeou o socio Franklin Cassiano para substituir, na Comissão de Admissão o socio Ulysses Cuiabano. As dez e meia horas foi encerrada a sessão.

José de Mesquita—Virgilio Correa Filho—Cesario Prado—Alcindo de Camargo — Antonio Fernandes de Souza — Franklin Cassiano da Silva — Ovidio Correa Oscarino Ramos, Philogonio de Paula Correa.

Acta da 24. sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras

Aos oito dias do mez de Fevereiro do anno de mil novecentos e vinte cinco, pelas nove horas, na sede social do "Centro Mattogrossense de Letras" sita a rua Treze de Junho, reuniram-se em sessão ordinaria os socios, José de Mesquita, Presidente, Virgilio Correa Filho, Oscarino Ramos, Philogonio Correa, Franklin Cassiano, Alcindo de Camargo, Ovidio Correa, Cesario Prado, e Antonio Fernandes de Souza.

Aberta a sessão, foi lida e approveda a acta da sessão anterior, passando-se ao expediente que constou da leitura de um cartão da Academia de letras, agradecendo a offerta da Revista do "Centro" e duas propostas dos nomes dos escriptores Xavier Marques e Mario de Lima para socios correspondentes na Bahia e Belo-Horizonte, propostas que estavam assim redigidas: «Promomos para socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" o escriptor Xavier Marques.

Ben que radicado na Bahia, onde se laureou de gloria, a fama, que lhe grangearam as suas obras literarias, avultou de tal maneira, que todo o Brasil conhece o autor do encantador idyllio praieiro "Joana e Joel."

Já era mestre conceituado nas letras, quando a Academia Brasileira o recolheu em seu seio, honrando-se lhe confiar a cadeira em que Inglez de Souza insculpíu o nome de Manoel de Almeida seu Patrono.

Tradicionalista como este, novellista de scenas typicamente regionaes, como o primeiro, a ambos se avanta no escoreito da linguagem, suave e terna, como de primeira agua.

Tamanho é o cuito que lhe merece a arte de escrever, que não reteve egoisticamente os mysterios devassados pela sua perquirição, trazidos a publicidade em volume conceituado pelos juizos competentes de maior valia que os outros analogos, inclusive o de Albat. Assim é que nos forramosde

e que nos forramos de justificar a proposta de sua admissão, por de-necessaria. Sobejam-lhe credencias na "Arte de Escrever", e nos romances em que se espelha a vida brasileira, magnificamente reflectida.

Cuyabá, 8 de Fevereiro de 1925

Virgilio Corrêa Filho, José de Mesquita, Cesario Prado." «Propomos para socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" o Sr. Dr. Mario de Lima, residente em Bello-Horizonte, capital do Estado de Minas Geraes.

Membro proeminente da Academia Mineira, em cuja directoria tem occupado os cargos de mais destaque e em cujo seio é dos mais trabalhadores e competentes, o proposto, alem d'uma vasta e variada collaboração na imprensa do seu estado natal e de outros pontos do paiz, tem publicado

—Ancenubios, poesias, em 1908; O culto das mães, conferencia em 1909; A mocidade e a religião, conferencia em 1911; O mytho solar nos evangelhos e A Escola leiga e a liberdade de consciencia, ambos em 1914; Elogio do Marquez de Sapucahy em 1915; Audiencias de luz, poesias, em 1917; Medalhas e Brasões, poesias em 1918; "A escola e a bandeira, discurso em 1919; Esboço da historia literaria de Minas, em 1921; Dante e a divina Comedia, discurso em 1921; e, nas tres ultimos annos: "Discursos e conferencia", "Echos e reflexos", chronicas e estudos, "Almas varia" contos, "Poesias" e "Ideas e Commentarios". Do merito d'essas obras fallam bem as honrosas referencias com que foram recebidas pela critica dos competentes e a sua grande procura, achando-se muitas d'ellas esgottadas e outras ja publicadas em segunda edição.

Incansavel cultor das letras a Mario de Lima ainda sobra tempo para desempenhar sempre com destaque, diversos cargos da alta administração mineira, sendo de notar-se de preferencia aquelles onde maior campo encontra para desenvolver-se a sua acção intellectual.

Assim pensamos ter ditó o sufficiente para justificar esta proposta

Cuyabá, 8 de Fevereiro de 1925.

Philogonio Corrêa, José de Mesquita, Oscarino Ramos.

O Presidente accusou o recebimento de varias obras offerecidas á Bibliotheca do "Centro" pelo socio João Cunha e pelo Dezembargador Antonio Quirino de Araujo, bem assim um exemplar do "Elogio do Dr. Vicente Machado" feito na Academia de Letras do Pará pelo Dr. João Candido Ferreira e um volume das "Ideias e Commentarios" de Mario de Lima, offerecido pelo socio Philogonio Corrêa. Em seguida foram approvadas a redacção final do "Regimento interno" e o parecer admittindo como correspondente na cidade de S. Paulo o poeta Cleomenes Campos cujo theor era o seguinte: Parecer. «A Commissão de admissão, abaixo assignada, tendo em vista a proposta assignada pelos socios effectivos, Alcindo de Camargo e Oscarino Ramos, apresentando o nome do mavioso e inspirado poeta Cleomenes Campos para socio correspondente do "Centro Mattogrossense de Letras" autor do excellente livro laureado pela academia de Letras "Coração Encantado," vem apresentar o seu parecer, na forma dos Estatutos sociaes. O laurel com que a mais alta corporação literaria do Paiz distinguio o livro —Coração Encantado— é por si só recommendação sufficiente para abrirem-se ao seu autor as portas da nossa modesta officina; entretanto, alem do incontavel merito do poeta, tem elle a acrescentar ao seu cabedal scientifico a penna do jornalista dos mais distinctos, collaborando nos jornaes de S. Paulo e Santos. Como poeta, a sua delicada inspiração traduz, em formas reveladoras de um estro privilegiado, as joias de fina arte poetica como o são entre muitos outros, os seguintes versos com que abre a primeira pagina do "Coração Encantado":

Uma doce visão, de mystica belleza,
O olhar ingenuo, o passo aereo, o gesto brando,
appareceu-me, um dia, de surpresa,
nas mãos angelicaes uma lyra resoando.

E para consolar meu pensamento,
que, á procura de alguém errava no horizonte,
poz no meu coração o divino instrumento,
ao tempo em que eu sentia um osculo na fronte.

Nesse momento magico e sagrado
tudo me pareceu, no mundo, musicado...
E, desde ahí sempre que me commovo,
o milagre sutil se realiza de novo :

Sae-me do coração uma tal harmonia,
que ainda a coisa mais vil se veste de poesia.
Meu coração ficou, para sempre, encantado...

A Comissão pensa que o Snr. Cleomenes Campos possui todos os requisitos para ser admittido como socio correspondente deste "Centro.

Cuiabá, 7 de Fevereiro de 1915.

Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Franklin C. da Silva e Marcou o Presidente o dia 14 de Março proximo futuro para a posse do socio Isac Póvoas, designando para recebe-lo em nome da corporação, o socio Ovidio Corrêa.

Para a organização do festival de posse foram escolhidas as duas comissões seguintes :

Programma e ornamentação : —Philogonio Corrêa, Franklin Cassiano e Alcindo de Camargo : Convite e recepção: Oscarino Ramos, Ovidio Corrêa e Antonio Fernandes.

Designou ainda a presidência os socios Cesario Prado, Alcindo de Camargo e Oscarino Ramos para, em nome da sociedade, apresentarem as boas vindas ao Presidente de honra D. Aquino Correa, esperado por todo o correr do mez de Fevereiro de volta da sua viagem ao Rio.

A sessão foi encerrada ás onze horas.

José de Mesquita, Virgilio Correa Filho, Cesario da Silva Prado, Franklin C. da Silva, José Raul Vilá Ovidio Correa, Antonio Fernandes de Souza, Philogonio de Paula Corrêa Oscarino Ramos

Acta da 25ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"

Aos quinze dias do mez de Março do anno de mil novecentos e vinte cinco, á hora e lugar do costume, reuniram-se em sessão ordinaria os socios, José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho Oscarino Ramos, Philogonio Correa, Franklin Cassiano, Ovidio Correa, Cesario Prado, Antonio Fernandes de Souza e José Raul Vilá.

No expediente foram lidos officios do Sr. João de Campos Widal agradecendo a sua eleição para correspondente em Caceres, e do Sr. Indalecio Leite

Proença secretario do Riachuelo Foot-ball Cub communicando a eleição da sua nova directoria. Foi igualmente lido um requerimento de inscripção ao provimento da vaga de socio effectivo existente no Centro firmado pelo Sr. Antonio Cesario de Figueiredo Netto.

Passando-se á parte deliberativa, foram discutidos e approvados, por unanimidade, os pareceres da Commissão de Admissão concluindo pela acceitação dos nomes laureados de Xavier Marques e Mario de Lima, como correspondentes na Bahia e Minas, respectivamente.

Procedeu-se, em seguida, á eleição para a cadeira n. 16, tendo se feito representar enviando os seus votos, os socios, Falmyro Pimenta, Augusto Cavalcanti, José Magno da S. Pereira e João Cunha. Foi eleito, por 13 votos, isto é, por unimidade dos presentes e representados, o candidato inscripto Cesario Netto. O Presidente deu conta á casa de varias providencias tomadas com relação á Revista e ao festival de posse do socio Isaac Povoas.

A sessão encerrou-se ás 11 horas.

José de Mesquita, Cesario C. da Silva Prado, Alcindo de Camargo, Antonio Fernandes de Souza, Franklin C. da Silva, Oscarino Ramos.

Acta da 26: sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"

Aos cinco dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e vinte cinco, reuniram-se em sessão ordinaria, na sêde social do "Centro ás nove horas da manhã, os socios José de Mesquita, Oscarino Ramos, Cesario Prado, Antonio Fernandes de Souza, Alcindo de Camargo e Franklin Cassiano da Silva

Foi aprovada a acta da sessão anterior. No expediente foi lido um officio do dr. Góes Sayão Filho, Secretario Geral do "Centro de Sciencias, Letras e Artes," de Campinas, communicando a posse da Directoria dessa sociedade literaria e accusou-se a offerta de seis volumes de suas obras, feita pelo socio correspondente Xavier Marques.

O Presidente designou para a posse do socio Antonio Cesario de Figueiredo Netto o dia 22 de Maio do corrente anno, quarto anniversario da fundação do "Centro" e designou para recebê-lo em nome da corporação o socio Alcindo de Camargo.

Para organização do festival de recepção ficaram constituídas as mesmas commissões designadas para a ultima festa: -- Programma e ornamentação: os socios Philogonio Correa, Franklin Cassiano, Alcindo de Camargo; convites e recepção: os socios Oscarino Ramos, Ovidio Correa e Antonio Fernandes de Souza.

Encerrou-se a sessão ás onze horas.



Publicações Recebidas

Recebemos e agradecemos:

Revista da Academia Brasileira de Letras—ns. 38
a 41

Romance Journal—Editora "A Eclectica" Rua da
Bôa Vista, 24, S. Paulo.

Gesta—Periodico de arte, literatura e pensamento—
Redactor Oswaldo Brasil—S. Paulo

A Cidade—Director—Dr. José de Barros Maciel—
Corumbá

A Tribuna—Director—Clarimundo Santos—Co-
rumbá

C Correio do Sul—Director—A. Anthero Paes de
Barros—Campo-Grande

O Jornal do Commercio—Director—Dr. Jayme de
Vasconcellos—Campo-Grande.

A Noticia—Director—Dr. Fenelon Müller—Tres-
Lagôas

A Gazeta do Commercio—Director—Elmano Soares
—Tres Lagôas

O Matto-grossense—Directores—Olavo Dantas e Bar-
ros Barreto—S. Anna do Paranahyba

A Razão—Orgão do P. R. de Matto-Grosso—Cáceres
Gazeta Official

O Matto Grosso

Correio do Estado

A Capital

A Pnena Evangelica

O Pharól

A Violeta—revista

} todos desta Capital

BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

DEPOSITOS

O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:

Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com
retiradas livres 5^o/_o

Em contas sem limite, com retiradas livres 3^o/_o

« « « « com aviso prévio 5^o/_o

« Depositos a prazo fixo de 1 anno 6^o/_o

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro
e ótrives com lapidação de
diamantes annexa
Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

LIVRARIA GLOBO

Artigos
para escriptorio,
livros didaticos, fitas para
machina de escrever,
collecção completa
de cadernos para escripiu-
ração mercantil e outras
novidades.

Preços sem competencia.

Rua 13 de Juuho n. 90

Galil Mansur Bumlai

Proprietario das casas
A" Esperança e da antiga
A" Brasileira".

Resolveu vender aos
seus numerosos freguezes
por preços verdadeira-
mente baratos, todos
os artigos que tem
em *Stock*,
especialmente: Os que se
acham em exposição
e particularmente
os crepés seguintes.
Da China De Marroquim
De Radio e De Jersey.

Rua 1 de Março -- 17 -- 19

A Cuiabana

DE

JEORGÊ KHAOAJA

RUA ANTONIO JÃO Nº 36

TELEPHONE: 104

Especialidades em

Fazendas—Chapéus

Calçados—Armarinhos

Roupas feitas—Perfumaria

Fazendas finas

Artigos da moda e miudezas

Preços sem competencia

Ver para crer

CASA ESPECIAL
DE MOVEIS

DE

TENUTA & IRMÃO

Acceita encomendas de toda
qualidade destes artigos

Pedido sobre catalogo

Dispõe sempre de completo
sortimento de moveis para dor-
mitorios, sala de visita e de jan-
tar.

Camas de ferro esmaltadas
para casal e solteiro.

Berço e caminha de ferro e
madeira para creança.

Preço sem competencia.

Rua 1º de Março n. 1

End. telg. TENUTA

Telephone n. 77.

CASA BOM GOSTO

de

Hai'amus Primo & Cia

Telephone n. 102

Completo sortimento de
modas e novidades em fa-
zendas finas e grossas—cha-
péus, calçados, roupas feitas,
Perfumarias finas estrangei-
ras e nacionaes.

Recebem sortimentos nó-
vos por todas as embarca-
ções que chegam a esta pra-
ça.

Preços sempre os mais ba-
ratos desta praça.

Sem competencia

Cuiabá E. de Matto-Grosso